



**UNIVERSIDADE DA INTEGRAÇÃO INTERNACIONAL
DA LUSOFONIA AFRO-BRASILEIRA
INSTITUTO DE HUMANIDADES E LETRAS DOS MALÊS
LICENCIATURA EM LETRAS - LÍNGUA PORTUGUESA**

JOELMA ARAÚJO NERI

PROCESSOS COMPOSICIONAIS NO GUINEENSE MODERNO

SÃO FRANCISCO DO CONDE

2021

JOELMA ARAÚJO NERI

PROCESSOS COMPOSICIONAIS NO GUINEENSE MODERNO

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao Curso de Graduação em Letras – Língua Portuguesa do Instituto de Humanidades e Letras, *campus* dos Malês, da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, como parte dos requisitos para a obtenção do título de Licenciado em Letras.

Orientadora: Dra. Manuele Bandeira.

SÃO FRANCISCO DO CONDE

2021

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira
Sistema de Bibliotecas da Unilab
Catalogação de Publicação na Fonte

N364p

Neri, Joelma Araújo.

Processos composicionais no guineense moderno / Joelma Araújo Neri. - 2021.

81 f. : il., color.

Monografia (graduação) - Instituto de Humanidades e Letras dos Malês, Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, 2021.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Manuele Bandeira de Andrade Lima.

1. Língua guineense - Gramática. 2. Linguística - Guiné-Bissau. I. Título.

BA/UF/BSCM

CDD 469.796657

JOELMA ARAÚJO NERI

PROCESSOS COMPOSICIONAIS NO GUINEENSE MODERNO

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao Curso de Graduação em Letras – Língua Portuguesa do Instituto de Humanidades e Letras, *campus* dos Malês, da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, como parte dos requisitos para a obtenção do título de Licenciado em Letras.

Aprovado em 20 de agosto de 2021.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dra. Manuele Bandeira (Orientadora)

Doutorado em Letras - Universidade de São Paulo

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira

Prof. Dr. Gredson dos Santos

Doutorado em Letras e Linguística – Universidade Federal da Bahia

Universidade Federal da Bahia

Prof. Dra. Shirley Freitas

Doutorado em Letras - Universidade de São Paulo

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira

Dedico este trabalho primeiro a Deus que é o único digno de toda honra e glória, o qual me deu forças para chegar até aqui, a meus pais Josias de Jesus Neri e Maria Judite Araújo Neri, meus irmãos que amo muito, Patrícia Araújo (*in memoriam*), Jaqueline Araújo, Jonas Araújo, Joilson Araújo, Ana Amélia Araújo, Laiara Sabrina, minha orientadora, professora Manuele Bandeira, e a todos que, de alguma forma, contribuíram para essa realização.

AGRADECIMENTOS

Enfim esse dia chegou! Agradeço imensamente a Deus, pelo cuidado e proteção, por ter me dado forças para chegar até aqui. Confesso que não foi fácil, esse ano foi meio conturbado, mas sobrevivi e conseguir concluir o estudo.

Grata a Deus por minha família, meus pais e irmãos, que me mostram todos os dias que o amor vence. Pelos incansáveis incentivos, que me motivaram a continuar, quando pensei em desistir e não foi uma só vez. Não poderia deixar de citar você, irmã em especial, por me dar forças para me inscrever, apesar de você não estar mais entre nós, serei sempre grata. Gostaria de dividir essa conquista com você também, mas aprouve Deus recolher essa linda flor, trarei você sempre comigo em meu coração.

À minha orientadora, Profa. Dra. Manuele Bandeira de Andrade Lima, pelos incentivos, por acreditar em mim, quando por muitas vezes eu não acreditei, por me ensinar a ter confiança em meu trabalho e não abaixar a cabeça diante dos obstáculos que surgem. Por me apresentar a morfologia e ser uma das responsáveis por despertar em mim o gosto pela pesquisa e estudo das línguas. Muito obrigada por ultrapassar as barreiras da sala de aula, viu?! Agradeço à professora Vânia Vasconcelos, por me fazer ver a literatura com outro olhar e todos os demais professores responsáveis por minha formação na Unilab.

Gostaria de agradecer também aos informantes que participaram da pesquisa.

Agradeço, de antemão, aos professores Dr. Gredson dos Santos e Dra. Shirley Freitas por gentilmente terem aceitado o convite para compor a banca examinadora. Não temos dúvidas de que as contribuições serão valiosas.

Gratidão à irmã que a vida me deu, Valmira Damasceno Bispo, por me inscrever mesmo contra minha vontade, obrigada irmã, deu super certo. Aos meus companheiros de jornada acadêmica, Priscila Antônia Barreto, Daiane Barbosa, Everton Silva, Emmanuelle Conceição, Jamile da Silva, Erica dos Reis, Carolaine Oliveira, Elen Silvia Ferreira, Nimésio Lopez, João Vitor, Ana Lucia, Bárbara Elaine e todos os outros que convivi e conheci nos corredores da Unilab e tornaram meus dias na faculdade mais doces.

Agradeço ao PIBIC-UNILAB e à FAPESB pela concessão de bolsas de Iniciação Científica, que possibilita a alunos como eu a oportunidade de se tornarem pesquisadores iniciantes e desenvolvendo assim o gosto pelos estudos de línguas crioulas e outros temas que com certeza contribuirão para futuros trabalhos.

Enfim, só sou gratidão a todos, porém é importante salientar que todas as pessoas que ajudaram ou leram o meu texto não são responsáveis pelos eventuais erros que permanecerem.

RESUMO

O presente trabalho objetiva descrever processos composicionais no guineense. Por definição, segundo Monteiro (2002), compostos são descritos como um vocábulo formado pela união de dois ou mais semantemas. O surgimento de palavras novas para compor o léxico de uma língua se dá através de vários processos, dentre eles, está a composição, em que o novo vocábulo surge a partir da união de dois ou mais radicais, com perda ou não de material segmental, portando significado distinto dos itens que o compõem. O interesse em investigar os compostos no guineense se deve à necessidade de se ampliar o número de trabalhos que se propõem a observar essa língua tão pouca estudada. Desse modo, descrevemos e analisamos o comportamento dos compostos em guineense, tomando como base estudos como de Lee (1996) e Monteiro (2002). Ademais, partimos também de estudos de compostos em línguas crioulas, em especial, de base lexical portuguesa, como o guineense e o kabuverdianu. Para realizar a pesquisa, fez-se a coleta dos compostos em guineense, utilizando o Dicionário Guineense-Português (SCANTAMBURLO, 2001). Posteriormente, foi dado início à análise dos dados encontrados. Com base nas classes gramaticais dos itens que formam o composto, observou-se que o composto em guineense tem como resultado final raramente um verbo e mais frequentemente um nome. Dos 21 compostos analisados, apenas dois deles tiveram como resultante um verbo, a exemplo, **Bibi di djikindur (V)** “embebedar-se à maneira de rato ladrão ou Joaquim doido” e **Beja da bokinha(V.)** “Beija, abraçar”, os demais tiveram como resultante um composto que pertence à classe gramatical dos substantivos, tais como: **omi di kabesa**, nome (doravante N) “pessoa séria que tem um bom senso; inteligente”; **bariga di pe (N)** “parte muscular do lado posterior da perna”; **basia di kama(N)** “urinol”; **guarda di kurpu (N)** “amuleto; talismã”; **abri-boka (N)** “instrumento da cirúrgico usado para manter a boca aberta”. O padrão de compostos, em guineense, parece apontar para categoria dos substantivos, pois se repete em quase todos os itens analisados. Um dos casos excepcionais foi **oranu pasadu** que está classificado no dicionário também como locução adverbial de tempo, significando “há três anos, nos últimos anos”. Outro dado observado a partir da análise é o fato de os compostos serem, em sua maioria, compostos nominais morfossintáticos. Assim, o processo de formação do composto se dá pela associação de duas ou mais palavras nominais através de um processo morfossintático de subordinação entre as mesmas. Nesse sentido, é criado um vocábulo composto nominal através da junção de dois nomes, em que não deixa de existir uma relação semântica entres os vocábulos que serviram de base. As análises dos compostos em guineense reforçam que a língua não pode ser entendida como reflexo do português simplesmente pelo fato de a língua ser crioula cuja base lexical é o português. Ademais, no passado, estudiosos alegavam que línguas crioulas eram línguas morfologicamente mais simples e, por isso, não possuiriam morfologia própria, apropriando-se assim dos processos morfológicos das suas línguas lexicadoras. Em contrapartida, podemos ver em estudos, como o presente, evidências da ocorrência de processos próprios como a composição.

Palavras-chave: Língua guineense - Gramática. Linguística - Guiné-Bissau.

ABSTRACT

The present work aims to describe compound processes in Guinea-Bissau Creole. By definition, according to Monteiro (2002), compounds are described as a word formed by the union of two or more semantemes. The emergence of new words to compose the lexicon of a language occurs through several processes, among them is composition, in which the new word arises from the union of two or more radicals, with or without loss of segmental material, carrying a different meaning from the items that compose it. The interest in investigating compounds in Guinea-Bissau Creole is due to the need to expand the number of works that propose to observe this language that has been so little studied. Thus, we describe and analyze the behavior of compounds in Guinea-Bissau Creole, based on studies such as Lee (1996) and Monteiro (2002). In addition, we are also based on studies of compounds in creole languages, especially those which are Portuguese-based Creole languages. To carry out the research, the compounds in Guinea-Bissau Creole were collected through the Portuguese-Guinea-Bissau Creole Dictionary (SCANTAMBURLO, 2001). Subsequently, the analysis of the data found was started. Based on the grammatical classes of the items that make up the compound, it was observed that the compound in Guinea-Bissau Creole has as its final result rarely a verb and more often a noun. Of the 24 compounds analyzed, only two of them resulted in a verb, for example, *Bibi di djikindur* (V) “to get drunk like a thief rat or crazy Joaquim” and *Beja da bokinha* (V.) “to kiss, to hug”, the others resulted in a compound that belongs to the grammatical class of nouns, such as: **omi di kabesa**, noun (*hereinafter* N) “serious person who has good sense; intelligent”; **bariga di pe** (N) “muscle part of the back of the leg”, **basia di kama** (N) (N) “urinal”; **guarda di kurpu** (N) “amulet; talisman”; **abri-boka** (N) “surgical instrument used to keep the mouth open”. The compound pattern, in Guinea-Bissau Creole, seems to point to the noun category, as it is repeated in almost all analyzed items. One of the exceptional cases was **oranu pasadu**, which is also classified in the dictionary as an adverbial phrase of time, meaning “three years ago, in recent years”. Another data observed from the analysis is the fact that the compounds are mostly nominal morphosyntactic compounds. Thus, the compound formation process takes place through the association of two or more nominal words through a morphosyntactic process of subordination among them. In this sense, a nominal compound word is created through the joining of two nouns, in which there is still a semantic relationship between the words that served as a basis. The analyzes of the compounds in Guinea-Bissau Creole reinforce that the language cannot be understood as a reflection of Portuguese simply because the language is creole whose lexical base is Portuguese. Furthermore, in the past, scholars claimed that creole languages were morphologically simpler languages and, therefore, would not have their own morphology, thus appropriating the morphological processes of their lexifier languages. On the other hand, we can see in studies, such as the present one, evidence of the occurrence of specific processes such as compounds.

Keywords: Guinean language - Grammar. Linguistics - Guinea-Bissau.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	10
CAPITULO 1	12
CONTEXTUALIZAÇÃO GEOGRÁFICA, LINGUÍSTICA E SOCIAL	12
1.2 GUINEENSE: BREVE CONTEXTUALIZAÇÃO DE SUA ORIGEM.....	14
1.3 SÍNTESE DO CAPÍTULO.....	16
CAPITULO 2	17
FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	17
2.1 COMPOSIÇÃO	21
2.1.1 Compostos em línguas crioulas	27
2.1.2 Estudos sobre composição: novas propostas	29
2.2 MATERIAIS E MÉTODOS.....	42
2.3 SÍNTESE DO CAPÍTULO.....	45
CAPITULO 3	46
ANÁLISE DE DADOS	46
3.1 ANÁLISE SEMÂNTICA DOS COMPOSTOS	48
3.2. QUESTIONÁRIO ELETRÔNICO.....	58
3.3 PAPEL DA PREPOSIÇÃO NA ESTRUTURA DO COMPOSTO	61
3.4 COMPOSTOS EM GUINEENSE E EM KABUVERDIANU	65
CONSIDERAÇÕES FINAS	71
REFERÊNCIAS	68
APÊNDICE	77

1 INTRODUÇÃO

O presente estudo pretende discorrer sobre os processos de criação de novas palavras através do mecanismo de composição. Para estudo e observação, temos como objeto de análise o kriol ou guineense, língua crioula nativa da Guiné-Bissau.

O interesse em estudar o processo de composição no guineense surgiu a partir do desejo de discutir indagações que alguns teóricos levantaram sobre a estrutura morfológica das línguas crioulas. Alguns estudiosos afirmam que línguas crioulas seriam mais simples estruturalmente, pois não possuem morfologia própria e se apropriam dos processos morfológicos das línguas que deram origem ao seu léxico que, no caso do guineense, seria o português (Cf. ANSALDO & MATTHEWS, 2001; DEGRAFF, 2001 ABOH, 2015).

No capítulo 1, faremos uma breve contextualização geográfica, linguística e social da Guiné-Bissau, com o objetivo de ambientar o leitor acerca do país onde a língua estudada é empregada. Ainda no primeiro capítulo, faremos uma breve apresentação das hipóteses que buscam explicar como surgiu o guineense. Apesar de não ser o escopo do nosso trabalho, no capítulo pretende-se informar também o leitor sobre o contexto socio-histórico por trás da língua.

Na sequência, no capítulo 2, traremos estudos que abordam fenômenos de formação de novas palavras, mostrando as principais definições dadas a esses processos. Em 2.1, por sua vez, especificaremos o objeto de estudo, trazendo com isso teóricos que estudam os processos composicionais em português, além das definições, exemplos de compostos e como se dá sua formação. Logo após, em 2.1.1, falaremos sobre o processo de composição em uma língua crioula. Na seção seguinte, 2.1.2, ampliando o estudo e a fundamentação teórica, traremos diferentes abordagens a respeito dos compostos em outras línguas para além do português e do guineense. Na seção 2.2, traremos os materiais e métodos empreendidos para a elaboração do trabalho, desde a catalogação dos dados até as leituras que foram feitas para compor o embasamento teórico. Por fim, na seção 2.3, traremos uma síntese do capítulo.

No capítulo 3, apresentaremos as análises que foram feitas baseadas nos dados obtidos no decorrer da pesquisa. Dividimos esse capítulo em quatro subseções. Em 3.1, trouxemos uma análise semântica, em que tentamos estabelecer possíveis relações de sentido entre a significação do composto e a significação individual de cada item que o compõe. Em 3.2, apresentamos uma breve análise a partir da aplicação de um questionário eletrônico, observando palavras compostas em guineense em frases, testando assim as definições de Lee (1997) e Monteiro (2002) sobre o que é um composto verdadeiro. Em 3.3, fizemos um breve estudo

sobre o papel que a preposição exerce na estrutura do composto. Em 3.4, cotejamos o comportamento de palavras compostas de duas línguas crioulas, nesse caso, o guineense e o kabuverdianu.

Baseado nas pesquisas feitas para a confecção do trabalho e através das análises levantadas, tomando como base os dados obtidos, pretendemos também responder às seguintes perguntas: o guineense replica os mecanismos morfológicos do português no que tange ao processo de composição? Há de fato compostos no guineense ou apenas uma reprodução dos itens composicionais do português? Enfim, nas considerações finais, traremos as conclusões alcançadas com a realização do estudo.

A relevância dessa pesquisa se dá pela construção de um saber novo que irá colaborar para a discussão de como é definida uma língua crioula e talvez seja uma contribuição para mudar a forma como essas línguas são vistas. Esperamos que, com essa análise, vários outros trabalhos possam ser construídos.

CAPÍTULO 1

CONTEXTUALIZAÇÃO GEOGRÁFICA, LINGUÍSTICA E SOCIAL

Para discussão do trabalho em que iremos analisar um processo que ocorre em uma língua de um país africano, faz-se necessária uma apresentação breve desse país, destacando seus principais aspectos tais como: geográfico, social e, por fim, linguístico. Quanto ao primeiro aspecto, a Guiné-Bissau possui 36.125 km² de extensão total, mas apenas 28.800 km² de superfície habitável, situando-se na costa ocidental de África (CHAPOUTO, 2014). O país tem fronteira ao norte com o Senegal, a leste e sudeste com a Guiné-Conacri e a sul e oeste com o Oceano Atlântico. Além do território continental, compreende ainda cerca de 40 ilhas, que constituem o arquipélago dos Bijagós. Neste pequeno território, vivem 1,5 milhões de habitantes, distribuídos pelas seguintes etnias: Balantas (30%), Fulas (20%), Manjacos (14%), Mandingas (13%), Papéis (7%), outros grupos étnicos (16%). O crescimento demográfico apresenta um índice de 2,6% ao ano. A maioria da população vive em zonas rurais, sendo a principal atividade do país a agricultura, que emprega 87% da população. É reduzida a percentagem dos que se dedicam a outras áreas, 2% na indústria e 11% nos serviços. No que diz respeito à educação, verifica-se um elevado índice de analfabetismo, 48,6% nos adultos e 58,5% nos jovens (CHAPOUTO, 2014, p. 2), lembrando que esses altos índices de analfabetismo se baseiam no português, a língua de instrução no país.

A costa recortada da Guiné-Bissau e o clima desta região – o sub-guineense ou tropical marginal e o tropical sudanês ou tropical continental – sempre foram fatores atrativos para a fixação de diversos povos. A Guiné-Bissau é um país com uma ampla diversidade cultural, já que sua formação se dá através da junção de várias etnias que deu origem à sociedade atual do país e essa diversidade cultural contribuiu também para a formação da língua crioula que apresenta traços das línguas de vários povos como podemos notar a seguir:

Seu mosaico linguístico compreende um total de 22 línguas, das quais 21 constituem línguas vivas e 1 corresponde a uma língua segunda (L2), sem configurar-se como língua materna. Assim, o crioulo guineense é uma língua que resulta do contato entre o português (língua de superestrato ou lexificadora) e as diversas línguas africanas (línguas de substrato) faladas na Guiné-Bissau, todas pertencentes à família Níger-Congo, nomeadamente aos grupos Mande e Atlântico (HAGEMEIJER E ALEXANDRE, 2010, p. 3).

O português é a língua oficial, herança deixada pelos colonizadores portugueses. Apesar de a língua portuguesa ser oficial nas instituições de ensino e repartições públicas, o que predomina na comunicação oral da população é o guineense que é a língua falada no cotidiano conforme defende Bull (1989, p. 45 *apud* COSTA 2014, p.45):

O crioulo é [...] um pidgin¹ aceito como língua habitual e familiar, e gradualmente aperfeiçoado por aqueles que só o falavam de tempos a tempos, em caso de necessidade. Foi esse pidgin que se consolidou, ou adquiriu formas interna e externa próprias, com suas regras gramaticais, seu vocabulário riquíssimo, flexível e receptivo a novas aquisições. O crioulo é esse pidgin que se tornou a língua materna e a língua principal de uma comunidade.

Como podemos perceber, ao tratar dos aspectos linguísticos, o país sofreu várias influências, o que fez com que o guineense herdasse traços das línguas de vários povos que foram envolvidos na colonização da Guiné-Bissau, daí se justifica caracterizar o guineense como uma língua de contato, pois foi reflexo do contato entre vários povos. Um dos fatores que também contribuiu para essa miscigenação, deve-se ao fato de que, após o início da colonização, houve também o início da comercialização de escravizados. Logo, surgiram as Praças e Presídios que, segundo Costa (2014 p. 45), eram os principais “centros de população, as bases da colonização”. Devido ao grande volume de pessoas que circulavam nas “praças” e “presídios”², área de comércio, havia também uma grande necessidade de comunicação, para que se ocorressem as trocas comerciais. Nesse sentido, destaca-se o papel de relevância, em conformidade com Costa (2014, p.45) da “miscigenação biológica, linguística e cultural dos povos”, o papel dos lançados, tagomãs, grumetes e filhos da terra.

Como foi dito, o guineense foi resultado do contato entre diferentes povos. Os lançados “eram desertores ou aventureiros que, para sobreviverem e fugirem das sanções régias, iam se exilar no continente africano” (COSTA, 2014 p.45), envolvendo-se na realidade sociocultural do país. Tal envolvimento era tão grande que, muitas vezes, esses lançados aderiam a cultura e realidade dos povos nativos da região. Esses indivíduos casavam-se com mulheres africanas chamadas de tagomãs, com quem posteriormente tinham filhos, chamados, por sua vez, de filhos da terra. Existiam, ainda, os grumetes, que eram africanos convertidos ao cristianismo, que ajudavam os lançados no comércio (COSTA, 2014).

¹ A perspectiva de que o crioulo emerge de um pidgin não encontra consenso entre os crioulistas. Para uma visão divergente, em que se considera o estágio pidgin desnecessário, confira Mufwene (2008).

² Segundo Bull (1989, p.62 *apud* Costa 2014, p.45), “a Praça é a povoação fortificada e armada com permanência, devidamente organizada para compensar a falta de obstáculos naturais dos seus limites. O Presídio é a praça de pequenas dimensões e mais escassos meios defensivos de tipo militar”.

Os lançados que eram oriundos de Portugal, apesar de absorverem os costumes dos povos africanos, não deixaram de lado a língua portuguesa. Logo, nessa interlocução com suas esposas e com os grumetes, provavelmente, esse português passou por modificações e reestruturações profundas, surgindo assim um pidgin, código emergencial que, com o tempo, torna-se veículo de comunicação.

Segundo Scantamburlo (1994 *apud* COSTA, 2014), como resultado da colonização portuguesa e também após a miscigenação e interação entre os lançados, grumetes, tagomãs e filhos da terra, foi criado um ambiente propício para o aparecimento de um novo meio de comunicação que foi o pidgin que posteriormente nativizou-se, tornando-se um crioulo. Consoante Kihm (1994, p. 4 *apud* COSTA, 2014, p.46), “pode-se depreender então que, a partir de um pidgin português, o crioulo guineense estaria mais ou menos completamente formado no início do século XVII”.

1.2 GUINEENSE: BREVE CONTEXTUALIZAÇÃO DE SUA ORIGEM

Dando prosseguimento ao trabalho, após terem sido trazidos alguns aspectos sócio-históricos e linguísticos, de acordo com Costa (2014), há algumas teorias segundo as quais o guineense surgiu.

A primeira hipótese, defendida por vários teóricos como Silva (1957 *apud* COSTA, 2014), Silva (1985 *apud* COSTA, 2014) e Carreira (1972 *apud* COSTA, 2014), alega que o guineense teria surgido em Cabo Verde e só depois foi levado para Guiné-Bissau. Em contrapartida, a segunda teoria (INTUMBO, 2007, p.6 *apud* COSTA, 2014, p.47) propõe que o crioulo teria surgido primeiro pelo contato entre os portugueses e africanos, na colonização em Cacheu e Geba, na Guiné, e só posteriormente, teria sido levado para Cabo Verde.

Em relação aos traços linguísticos africanos encontrados nos crioulos da Alta Guiné (são as línguas crioulas faladas na Guiné-Bissau, Cabo Verde, Casamança, em Senegal e na Gâmbia, tendo atualmente duas línguas crioulas faladas, o kabuverdianu falado em Cabo Verde e o crioulo da Guiné-Bissau), vários são os estudiosos que estudam e buscam identificá-los, dentre eles, temos Parkvall (2012, p.263 *apud* COSTA, 2014, p. 47,) que diz “independentemente de onde surgiram as línguas mães do CP [crioulo de base lexical portuguesa] de Cabo Verde e de sua língua irmã do continente, o material de substrato são as línguas atlânticas e mandês.”. Em relação às línguas africanas faladas na Guiné-Bissau, as cinco principais são: o balanta, o fula,

o manjaco, o papel e o mandinka, sendo as quatro primeiras línguas atlânticas e a última mandê. Segundo Costa (2014, p.47), quando os portugueses chegaram ao território africano, o mandinka era falado em uma extensão territorial significativa.

Dando continuidade às teorias que propõem explicações de onde teria surgido o crioulo guineense, há uma terceira proposta defendida por Naro (1978, *apud* COSTA, 2014 p.48) que alega que “[...]esses crioulos tiveram a sua origem a partir de um pidgin português criado na Europa antes de ter sido levado e difundido na África”. Segundo essa teoria, o crioulo teria surgido em Portugal, onde um pidgin teria sido usado entre brancos e negros como “língua de reconhecimento”. Contrapondo à teoria de Naro (1978), Rougé (1986) sugere uma quarta explicação:

Na origem do Kriol está o português mal falado, da mesma maneira que na origem do português, do espanhol, do francês... e dos outros “crioulos românicos” está o latim mal falado. E, da mesma forma, seria absurdo perguntar-se se o francês vem do português ou o inverso, tão evidente é que os dois vêm do “latim corrompido” que utilizado em situações diferentes gerou línguas diferentes; acho sem interesse científico a questão de saber se o Crioulo do Cabo Verde está na origem do crioulo da Guiné-Bissau ou se o crioulo da Guiné-Bissau está na origem do crioulo de Cabo Verde. Os dois têm a mesma origem, o mesmo proto-crioulo. (ROUGÉ 1986, p.37, *apud* COSTA, 2014 p.49).

A respeito da questão levantada pelo autor na quarta hipótese sobre a origem do guineense, percebe-se que o mesmo lança um questionamento a respeito de “[...]se o Crioulo do Cabo Verde está na origem do crioulo da Guiné-Bissau ou se o crioulo da Guiné-Bissau está na origem do crioulo de Cabo Verde” (ROUGÉ 1986, p.37 *apud* COSTA, 2014 p.49). Rougé responde a seguir que os dois têm a mesma origem. Em conformidade, segundo Costa (2014, p.47), “é inegável a existência de semelhanças entre os crioulos de Cabo Verde e Guiné-Bissau”. Tentando responder às questões mencionadas, Freitas (2016, p.87) aponta:

Segundo a hipótese ambígua (ROUGE, 1994; COUTO,1994 *apud* RODRIGUES,2007), será possível postular uma língua kabuverdianu-kriyol de Guiné-Bissau e Casamansa, formada nas duas regiões a partir de um mesmo protocrioulo e com desenvolvimento paralelo graças às influências semelhantes, ao intercâmbio contínuo entre as duas regiões e à atuação dos lançados.

Ou seja, segundo a proposta ambígua, o crioulo teria surgido tanto na Guiné- Bissau quanto em Cabo Verde. Freitas (2016, p.87), conclui:

[...] seria assim, possível falar em uma língua guineo-cabo-verdiana, que, desde o seu surgimento, já se mostra dialetalizada. As duas línguas encontram-se tão relacionadas que não é possível determinar se foi o kabuverdianu que influenciou o kriyol ou vice-versa.

Considerando que não é objetivo do trabalho tratar da gênese do guineense, é possível reconhecer que mais estudos devem ser realizados a esse respeito para que conclusões mais consistentes possam ser feitas.

1.3 SÍNTESE DO CAPÍTULO

Neste capítulo, fizemos uma breve contextualização histórica, linguística e social de Guiné-Bissau. Aproveitamos também para trazer uma breve discussão, acerca das teorias que existem sobre o surgimento do guineense.

Já no capítulo que se segue, iremos apresentar estudos que discutiram fenômenos de formação de novas palavras, especialmente aqueles que lidam com o fenômeno de composição em português e posteriormente em uma língua crioula. No próximo capítulo, traremos também os materiais e métodos empreendidos para a elaboração do trabalho.

CAPÍTULO 2

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA E METODOLÓGICA

O presente capítulo pretende tratar sobre processos de formação de palavras. Para tanto, discutiremos sobre neologismos, em geral, e sobre processos composicionais, em particular. Desse modo, na seção 2, trataremos de estudos que analisam o fenômeno de neologismo, abordando também algumas definições do fenômeno. Na seção 2.1, por sua vez, discutiremos sobre processos composicionais. Já na seção 2.1.1, apresentaremos um breve estudo sobre processos de composição em uma língua crioula. Em 2.2, trouxemos os materiais e métodos utilizados para a elaborar o trabalho, desde a catalogação dos dados até as leituras feitas para composição da base teórica.

A língua não é um sistema fechado e determinado que não seja passível de mudanças ou adaptações, muito pelo contrário, o sistema linguístico permite e nos dá requisitos e possibilidades de constante renovação de seus signos e constituintes. Em outras palavras, apesar de seguir padrões estruturais e ordenados por um padrão pré-definido, a língua também acompanha a dinâmica da sociedade, adaptando-se assim às mudanças de ordens sociais, temporais, culturais e linguísticas. Nesse sentido, podemos perceber a relação que a língua tem com a cultura e a sociedade através do léxico, pois a necessidade de utilizar novos termos surge também para atender às necessidades culturais e sociais que emergem, refletindo-se assim a marca de seus falantes.

A evolução do mundo e do pensamento, o avanço científico-tecnológico e as transformações da sociedade geram referentes em mutação que se refletem no léxico. Todas as etapas da transformação a história da sociedade, enfim, fazem do léxico um sistema aberto, no qual continuamente novos significados demandam novos significantes (PILLA, 2002, p. 11).

Quando se fala de neologismo, de acordo com Guilbert (1975, p.31), tal conceito se refere a todos os fenômenos novos que atingem uma língua. Jean Claude Boulanger (1979: 65-66 *apud* ALVES, 1996, p.11), por sua vez, define um novo item, como “uma unidade lexical de criação recente, uma nova acepção de uma palavra já existente, ou ainda uma palavra recentemente emprestada de um sistema linguístico estrangeiro e aceita numa língua”.

O neologismo é um processo morfológico utilizado quando se tem a necessidade de referência a um termo que não existe no nosso léxico, ou quando se deseja um termo adequado

no momento quando se busca um significado diferente de um termo que já existe no léxico. Nesse sentido, Bechara (2009, p. 351) afirma:

As múltiplas atividades dos falantes no comércio da vida em sociedade favorecem a criação de palavras para atender às necessidades culturais, científicas e da comunicação de um modo geral. As palavras que vêm ao encontro dessas necessidades renovadoras chamam-se neologismos, que têm, do lado oposto ao movimento criador, os arcaísmos, representados por palavras e expressões que, por diversas razões, saem de uso e acabam esquecidas por uma comunidade linguística, embora permaneçam em comunidades mais conservadoras, ou lembrados em formações deles originados.

O processo de criação de novas palavras também envolve vários fatores, dentre eles, as variações linguísticas que ocorrem na língua sobre influência de vários aspectos, mas que fazem parte do movimento involuntário que acontece para suprir às necessidades comunicativas.

A função social é considerada, pois, elemento indispensável e constitutivo do signo [...] Com efeito, a formação de um novo signo é como uma resposta às necessidades criadas por uma nova situação social. [...] Do ponto de vista sociológico, assim como do da semiótica, cada nova proposição do signo merece atenção especial, pois não implica apenas a composição de percepção de um novo fato antro-po-cultural e de uma nova unidade linguística. [...] Na realidade, o mecanismo de formação de novo signo, ou de atribuição de um novo significado aos signos já existentes, é um processo frequentemente complexo, de formulação e de seleção das proposições feitas no quadro do grupo social interessado (BARBOSA, 1981, p. 118-119).

Logo, para suprir essas necessidades, exigidas pelo falante ou comunidade de fala, as palavras sofrem rearranjos para preencher demandas linguísticas que surgem. Assim, a língua é viva e a mesma está em constante mudança, o que é imprescindível para sua manutenção, bem como as mudanças na língua que se refletem no surgimento de novos termos no léxico, se justificam também pelas interações sociais. Para Bakhtin (1997, p. 124), a língua vive e evolui historicamente na comunicação verbal concreta, não no sistema linguístico abstrato das formas da língua, tampouco no psiquismo individual dos falantes. Logo, para o autor, a substância da língua é constituída pelo fenômeno social da interação verbal realizada através das enunciações.

Toda vez que o falante quer se comunicar e não encontra no léxico uma palavra adequada à situação, o item novo segue uma norma, que faz parte de um sistema linguístico. Conforme salienta Faraco (2005, p.14):

Queremos com isso dizer que as línguas estão em movimento, mas nunca perdem seu caráter sistêmico e nunca deixam os falantes na mão. Em outras

palavras, as línguas mudam, mas continuam organizadas e oferecendo a seus falantes os recursos necessários para a circulação dos significados.

Segundo Louis Guilbert (1975), uma referência nos estudos da inovação lexical e neologismo, que escreveu o livro intitulado “La créativité lexicale”, diz, em seus estudos, resumidamente que:

- 1) Os progressos do conhecimento científico e técnico se traduzem necessariamente por um movimento do léxico que não se realiza apenas pela introdução de um conjunto homogêneo de palavras novas. Sua gênese apresenta um aspecto diacrônico.
- 2) O conjunto lexical novamente constituído é ligado à realidade extralinguística e põe em evidência uma dupla estrutura: séries lexicais de ordem semântica pela transferência do vocabulário de uma técnica a outra e séries lexicais de ordem morfológica, formadas a partir de uma mesma base.
- 3) A neologia sintagmática que surge em designação única; é pois semanticamente nova. É uma lexia complexa, formada de várias palavras. A relação das palavras com suas paráfrases e perífrases de definição e a lexia complexa são deste tipo e conduzem à hipótese duma ligação entre léxico e sintaxe. Ex: Autogestão e autonomia de gestão (GUILBERT, 1975 *apud* CARVALHO, 1989, p. 3).

O estudioso reforça o caráter social da língua, destacando a capacidade de criação que os falantes possuem e as possibilidades que o léxico oferece ao permitir esse tipo de mudança. De acordo com Gonçalves (2012), podemos perceber abordagens pertinentes para compreensão do processo de transformações das palavras, sobretudo, no campo morfológico. Gonçalves (2012) se interessa pelos fenômenos envolvidos na formação de palavras no português do Brasil e também descreve e exemplifica quais estratégias foram utilizadas na criação da nova palavra.

Por que criamos palavras novas? Pergunta feita por Gonçalves (2012, p. 14) que, ao tratar de processos em que se formam palavras novas, salienta que há mais de uma razão para o porquê de criarmos itens novos, termos e expressões. A primeira explicação para a pergunta acima é a necessidade de nomear novas experiências e conceitos novos que surgem no cotidiano. Nessas situações, há palavras que já existem e são utilizadas com uma nova significação, palavras estas que foram outrora tomadas de empréstimos de outras línguas. Tais itens são tão corriqueiros que, às vezes, só nos damos conta de que os mesmos são frutos de empréstimos quando precisamos grafá-los e se suas formas gráficas apontam para um empréstimo anterior, como em *abajur*. Em contrapartida, nem sempre a grafia é um indicativo como é o caso de *tapioca*, palavra de étimo tupi que não apresenta vestígios gráficos marcantes ao ponto de causar estranhamento ao falante (VIARO, 2011).

Outra questão discutida por Gonçalves é que há várias novas palavras que foram criadas a) a partir de necessidades que foram surgindo como *nanofiltração* “processo de separação por

membranas”, b) a partir de palavras já existentes como *deletar* em vez de *apagar* ou *eliminar* e c) também com base em termos já existentes para nomear um conceito novo a exemplo de *contatinho* derivado de *contato* (novo termo usado para se referir aos contatos que se tomam para situações ocasionais, seja para fins amorosos ou não) ou de *gato* que de “animal felino” passa por “homem bonito” e se estende para “ligação elétrica clandestina”.

Outra motivação para o neologismo é o desejo de expressar uma ideia numa classe de palavra diferente (GONÇALVES, 2012, p. 14). Sobre essa questão, Gonçalves (2012) afirma que, no processo de formação de novos termos, a mudança de classe gramatical de uma palavra, através de adequações sintáticas, contribui também para esse processo de necessidade de criação de novos itens. Dito de outra maneira, unidades lexicais podem ser cunhadas para efetuar uma mudança de classe, ao mesmo tempo em que vinculam informação nova. Gonçalves (2012) cita, como exemplo, as formações vindas do inglês como *hacker* “pirata digital” e as nominalizações deverbais que adequam uma palavra ao contexto como *hackear* “piratear digitalmente”. As classes gramaticais que contribuem para esse processo de mudança categorial são adjetivos, verbos, advérbios e substantivos. Sobre a criação de novas palavras através da mudança de classe gramatical, podemos perceber que as derivações prefixais e sufixais são de grande importância nesse processo, pois, muitas vezes, apenas a afixação altera as palavras, atribuindo uma nova função como em *hacker* (substantivo) e *hackear* (verbo).

A outra razão para o neologismo é o objetivo de fazer o texto progredir (GONÇALVES, 2012, p. 18). O processo que altera a classe de uma palavra tem influência no texto, ou seja, os afixos que promovem alterações categoriais são frequentemente usados com finalidades discursivas. Assim, a criação de novas palavras contribui para a criação textual. Sobre esse aspecto, muitas vezes, na criação de um texto, há a necessidade de fazer um “diálogo” entre textos, nesse sentido, surge a necessidade de adjetivação de alguns substantivos para que haja uma melhor compreensão pelo leitor, fazendo com que o texto avance.

No cotidiano, muitas vezes, sem nem perceber, criamos novas palavras para suprimos uma necessidade momentânea ou, até mesmo, para colocar algo em destaque. Nessas criações, muitas vezes inesperadas, o falante, em geral, não está consciente de regras que estejam presentes em gramáticas prescritivas, mas isso não quer dizer que não existam regras. Pelo contrário, os falantes obedecem às regras presentes em padrões e estruturas da língua que, por sua vez, possibilitam as criações lexicais. Segundo Basílio (2011), tais criações e regras envolvidas no processo pertencem ao léxico interno ou mental de todo indivíduo. Isso se dá pelo fato de que há, em todas as línguas, a possibilidade de incorporar ao seu léxico novas

palavras, pois o sistema linguístico não é um sistema estático, engessado que não possibilite mudanças, logo a criação é possível.

As línguas naturais estão em constante transformação. A criação de novas palavras, o desaparecimento de outras, o contato com outros povos, as mudanças políticas e sociais constituem fatores condicionantes da mudança nos sistemas linguísticos. Contudo, nem sempre temos essa noção, e as alterações que uma língua sofre costumam passar despercebidas para a maioria dos falantes. A língua desenvolve-se sem que nos demos conta (GAMA, 2017, p.13).

Após discutir, de maneira geral, o fenômeno do neologismo, iremos, na próxima subseção, tratar do fenômeno em análise: a composição como mecanismo morfossintático de criação de novas palavras.

É importante lembrar que há dois motivos básicos para se criarem novas palavras: para se utilizar o sentido de uma palavra já existente em outra classe gramatical e para se preencher necessidades semânticas de nomeação. Os processos de formação de palavras em português, por exemplo, apresentam duas funções centrais: uma função sintática e uma função semântica.

Quando se nomeiam invenções ou novos fatos, tem-se a função semântica, ou seja, ocorrem acréscimos semânticos, como, por exemplo, *secretária-eletrônica* “dispositivo para responder automaticamente uma chamada telefônica” e *seguro-apagão* “cobrança de uma taxa emergencial (ECE) em cima do valor do recibo de luz”. Nos dois exemplos mencionados, criaram-se nomes que não possuem referentes no léxico, logo, com o auxílio da função semântica, criaram-se vocábulos para nomear tais conceitos. Já quando utilizamos a ideia de uma palavra em outra classe gramatical como em *hipotetizar* (verbo) e *hipotético* (adjetivo), tem-se a função sintática. Podemos ver nesse exemplo que a palavra já existe no léxico só que, em uma classe de palavra diferente, como o auxílio da função sintática podemos utilizar a ideia trazida pela palavra com uma classe diferente.

2.1 COMPOSIÇÃO

O presente estudo tratará, com especial atenção, do processo de formação de novas palavras denominado composição. Antes da discussão dos dados levantados, faz-se necessário definir composição, fazendo uma breve distinção entre o último e a derivação.

No processo denominado derivação prefixal, vemos a junção de um elemento não independente (o prefixo) a outro independente (radical livre), ou seja, na derivação, os prefixos

legítimos (prefixos que não possuem autonomia acentual, formal e discursiva atuando sempre como formas presas) (SCHIWINDT, 2001), que são anexados, não ocorrem isolados. Na composição, por seu turno, pode-se notar que as combinações são feitas por duas ou mais formas livres, ou seja, formas independentes que, mesmo perdendo elementos, oferecem indícios da palavra da qual se originaram. Vale salientar que, quando se fala na diferença entre “derivar” e “compor”, diz respeito à maneira como os termos que foram ligados atuam de forma independente. Em outras palavras, se o termo existe individualmente ou ocupa a função de uma palavra, trata-se de um processo de composição, se o item não tem independência, trata-se de um processo de derivação.

Segundo Bechara (2009, p. 355) o processo de composição é um processo morfológico em que novas palavras são criadas a partir de duas ou mais palavras simples ou utilizando radicais que resultam em uma palavra composta que possui seu próprio significado. Citando um exemplo simples do que venha a ser o processo de composição podemos usar o item “beija-flor” (beija + flor), que é um termo (substantivo) utilizado para nomear um pássaro que faz parte da fauna brasileira que se alimenta do néctar das flores. A palavra é composta pelo verbo “beijar” e pelo substantivo “flor”. Podemos perceber que o substantivo formado, é um substantivo cujo significado é distinto das duas palavras isoladas (beija e flor) que o compõem.

Os processos de composição podem ser constituídos sob dois mecanismos: por aglutinação e justaposição. No processo denominado justaposição, palavras ou radicais são justapostos sem que ocorra perda sonora, ou seja, a mudança ocorre apenas na significação da palavra. Em *para-raios* “instrumento composto por uma haste de metal que, conectada à terra, busca captar as descargas elétricas”, tem-se a justaposição envolvendo *para* “forma flexionado do verbo parar” e *raio* “descarga elétrica acompanhada de estrondo (trovão) e de luz (relâmpago), que se produz entre duas nuvens”. Em *passatempo* “divertimento; atividade desenvolvida e usada com o intuito de distrair, de divertir”, há a justaposição de *passa* “forma flexionada do verbo passar” e *tempo* “período sem interrupções, continuidade que corresponde à duração das coisas”.

O outro processo que foi citado é o de aglutinação que, diferentemente da justaposição, envolve perda material fônica, pois as palavras, ao aglutinarem, unem-se levando à perda segmental de pelo menos uma das palavras unidas como nos seguintes itens:

1. Planalto (plano+alto)
2. Aguardente (água +ardente)
3. Boquiaberto (boca+aberto)

As palavras compostas representam sempre uma ideia única autônoma, muitas vezes, ideia essa muito diferente das noções que suas palavras individuais expressam como, por exemplo, *sempre-viva* (nome de uma flor), ou *criado-mudo*³ (nome de um móvel). Quanto à definição, segundo Monteiro (2002), os compostos são vocábulos formados pela junção de dois ou mais semantemas. Contudo, como fazer a distinção entre um vocábulo composto e uma locução? De acordo com Monteiro (2002), vários aspectos podem servir de base para fazer essas distinções. O primeiro fator que Monteiro (2002) cita é a ordem fixa dos elementos, ou seja, os elementos não podem ser trocados quando se trata de um composto, pois, se isso for feito, haverá outro resultado, ou seja, vai ser formada outra palavra, logo a troca de posição gerará uma mudança de significado. Como nos exemplos de (4) a (7):

4. O Mato Grosso crescerá muito (faz referência ao estado de Mato Grosso).
5. O mato grosso crescerá muito (faz referência ao crescimento do mato).
6. O grosso mato crescerá muito.
7. *O Grosso Mato crescerá muito.

Em (6) e (7), podemos notar que as ordens das palavras foram trocadas. No exemplo (6), não houve mudança de sentido na frase, pois o mesmo ainda faz referência ao crescimento do mato. Já no exemplo (7), que faz referência ao estado de Mato Grosso, após a inversão das palavras, o mesmo perdeu o sentido original.

A segunda forma de diferenciar compostos de locuções é a impossibilidade de intercalar determinantes. Quando se trata de um composto não há possibilidade de se colocar outra palavra no meio dos seus componentes como em (8) e (9):

8. *Mato verde e Grosso ainda crescerá muito (refere-se ao crescimento do estado de Mato Grosso).

³ Uma marca de móveis, Etna, divulgou uma campanha no Dia da Consciência Negra anunciando o fim do uso da expressão (criado-mudo) em seus catálogos, considerada racista. Disponível em: <https://www.cartacapital.com.br/sociedade/marca-de-moveis-tira-a-palavra-criado-mudo-de-seu-catalogo> Acesso em: 21 nov 2019.

9. O mato verde e grosso ainda crescerá muito.

Pode-se perceber que no exemplo (8) que não há possibilidade de intercalar outro elemento entre os constituintes, pois se trata de um composto. Já no exemplo (9), ao inserimos outro elemento, o sentido da frase é mantido. Outro fator seria a impossibilidade de se suprimir um dos elementos do composto sem prejuízo semântico (MONTEIRO, 2002) como em (10) e (11).

10. *Guarda-~~chuva~~.

11. *~~Guarda~~-chuva

Se estivermos nos referindo à palavra *guarda-chuva* no sentido original da palavra (“objeto portátil composto por hastes metálicas e pano, utilizados para se proteger da chuva”), não podemos reduzi-lo e chamá-lo somente de *guarda* ou de *chuva*, pois essas palavras individualmente possuem sentidos distintos. Segundo Monteiro (2002), os compostos são sintagmas fixos (as ordens dos elementos são fixas, não podem ser alteradas) e, por esse motivo, esses vocábulos só admitem pluralização apenas do último elemento.

- i. Vai-vem – vai-**véns**
- ii. Aguardente - aguardentes
- iii. Beija-flor- beija-**flores**

Seguindo os critérios propostos por Monteiro (2002), não são compostos, mas locuções os grupos sintáticos listados a seguir:

- 12. Mula-sem-cabeça x mulas-sem-cabeça
- 13. Salário-família x salários-família
- 14. Quinta-feira x quintas-feiras
- 15. Pé-de-moleque x pés-de-moleque

Como se pode notar nos exemplos (12-15), quando é feita a pluralização dos termos, os mesmos permitem a flexão de número no meio e no final do composto, por isso seguindo os critérios propostos por Monteiro (2002), os compostos permitem a pluralização apenas nos

últimos vocábulos que os compõem. Logo, os exemplos supramencionados não seriam compostos, mas locuções de acordo com Monteiro (2002).

Outro teórico que propôs uma análise sobre o comportamento dos compostos no português brasileiro foi Lee (1997). Lee (1997) defende que existem dois tipos de compostos: compostos lexicais e compostos pós-lexicais. Segundo Lee (1997), seguindo os pressupostos da Morfologia Lexical (KIPARSKY, 1982 *apud* LEE, 1997), os compostos são formados pela concatenação de duas ou mais palavras ou dois ou mais radicais e possuem características diferentes da palavra comum.

- (i) Os compostos podem carregar dois acentos, enquanto a palavra (não) composta carrega só um;
- (ii) Os compostos podem ter flexões entre constituintes (ou palavra), como em “garotas-propaganda”, enquanto as palavras comuns não podem;
- (iii) Os compostos, diferente dos vocábulos derivados, caracterizam-se somente como categorias lexicais [+N]: N, A, ADV, *V, *P. (LEE, 1997, p.2)

Além dessas diferenças em relação às palavras comuns, de acordo com Lee (1997), os compostos podem exibir as seguintes peculiaridades: (a) permitir a formação de diminutivo através do acréscimo de sufixo entre os constituintes (Ex: *guarda-noturno* - *guardinha noturno*); (b) poder flexionar mais de uma vez (Ex: *homem-rã* – *homens –rãs*).

Em relação a como são constituídos os compostos, segundo Kiparsky (1982,1983 *apud* LEE, 1997), a formação acontece no léxico. Já Villalva (1986 *apud* LEE, 1997), outro teórico que também estuda a formação dos compostos, diz que os compostos do português são palavras sintéticas reanalisadas, assim a formação de composto acontece na sintaxe.

Em síntese, Lee (1997) defende que existem apenas dois tipos de compostos no português brasileiro (PB), os lexicais, que são os únicos compostos verdadeiros, ou seja, que funcionam como unidades independentes nas operações morfológicas, e os pós-lexicais que são também denominados como pseudo-compostos, ou seja, palavras sintáticas reanalisadas que permitem processos morfológicos entre constituintes. Como podemos perceber, Lee reorganizou as proposições trazidas para o estabelecimento de um composto (como a flexão apenas do último componente, a impossibilidade de intercalar novos termos entre os compostos; impossibilidade de alteração da ordem dos constituintes e impossibilidade de supressão de um dos elementos que compõe o composto) e propôs mais dois fatores para a distinção dos compostos. Assim, Lee (1997) afirma que os compostos lexicais são os únicos que são compostos verdadeiros, posto que esses compostos seguem a conceituação clássica do composto que se define como o processo de formação de novas palavras a partir de dois ou mais semantemas, com significação

própria independentes dos vocábulos que os compõem e que se comportam gramaticalmente como uma única palavra independente (como *porta-voz/ porta-vozes*). Por outro lado, Lee (1997) se refere ao composto pós-lexical como falsos compostos, o que se justifica pelo fato de que os pseudo-compostos são formações sintáticas reanalisadas que, segundo Williams & Di Sciullo (1987 *apud* LEE, 1997), permitem os processos morfológicos entre seus constituintes (como *carro-forte/ carros-fortes*).

Como determinar qual o conceito ideal para se referir a um composto e quais critérios são usados para identificá-los são objetos de discussão de vários autores. Bechara (2001:355 *apud* SMARSARO, 2004, p.40), por exemplo, alega [...] “que a composição consiste na criação de uma palavra nova de significado único e constante, sempre e somente por meio de dois radicais relacionados entre si”. Se seguirmos esse conceito proposto por Bechara, não podemos explicar casos de nomes compostos em que não há relação entre seus radicais e o sentido do composto como, por exemplo: *lua de mel, chá de panela*, etc. Cunha e Cintra (1985: 119 *apud* SMARSARO, 2004, p.40) dizem que “uma palavra composta representa sempre uma ideia única e autônoma, muitas vezes dissociada das noções expressas pelos seus componentes”, mas essa definição não dá conta de explicar por que as palavras *mesa de tênis* e *chinelo de dedo* remetem a significados relacionados aos das palavras individuais, mesa e chinelo, logo o sentido de “ideia única e autônoma”, não prevalece nesses exemplos.

Buscando elucidar as questões propostas por Bechara (2001) e Cunha e Cintra (1985), Luft (1990:80 *apud* SMARSARO,2004, p.40) reconhece que a definição de uma palavra composta pode-se relacionar ou não ao sentido de seus constituintes primitivos, que acabam sofrendo uma perda parcial ou total de significação em benefício de um significado novo, pleno. Ou seja, há compostos em que a palavra profere um novo sentido, já em outros, não prevalece o mesmo conceito. De acordo com a posição de Luft podemos citar como exemplo, *pai de família* (nesse composto prevalece o sentido da palavra pai) e *guarda-chuva* em que a relação de sentido está no fato de que a palavra remete ao sentido de um objeto que nos protege da chuva. Já em *manda-chuva*, o sentido do composto não possui relação literal com a palavra individual, pois *manda-chuva* não é uma pessoa com poderes sobrenaturais de “mandar na chuva”, mas se trata de um indivíduo que dá ordens, comanda, decide e lidera.

Ainda sobre a possibilidade de tentar explicar o conceito de compostos, Andrade e Rondinini (2016, p.863 864) alertam que a definição muda a depender da abordagem teórica utilizada. A partir de uma abordagem estruturalista, os compostos são formados por dois ou mais radicais. Já sob uma abordagem gerativista, fala-se de utilização de estruturas sintáticas com intuítos lexicais (cf. JACKENDOFF, 1975 *apud* ANDRADE & RONDININI,2016,

p.864). Na perspectiva cognitivista, sobretudo pela Morfologia Construcional (BOOIJ, 2009), a composição é vista a partir de esquemas generalizados (esqueletos desprovidos de informação proposicional), que são preenchidos, mediante o conhecimento lexical do falante, com palavras existentes na língua, inter-relacionadas formal, sintática e semanticamente.

Após discutir compostos em estudos que tem o português brasileiro como escopo, na próxima subseção, trataremos dos compostos em línguas crioulas.

2.1.1 Compostos em línguas crioulas

Alguns teóricos afirmam que as línguas crioulas são mais simples do que as línguas não crioulas (MCWHORTER, 1998). O autor mencionado aponta que, por ser uma língua nova, as línguas crioulas não possuem morfologia robusta e, muitas vezes, se apropriam dos processos morfológicos das línguas que colaboraram com seu léxico que, no caso do guineense, foi o português. No âmbito de estudos das línguas de contato, o guineense é uma língua crioula, pois emerge através dos encontros dos povos africanos nativos com os colonizadores portugueses. Esse é um dos fatores, havendo outros que se aplicam para definir o guineense como uma língua crioula.

Há estudos que dizem que crioulos seriam línguas estruturalmente mais simples, por isso não possuem processos morfológicos próprios, mas existem também estudos recentes que mostram e comprovam vários processos de formação de palavras acontecendo nas línguas crioulas modernas:

As quatro línguas crioulas de base lexical portuguesa do Golfo da Guiné e o kabuverdianu apresentam, em seu léxico, marcadores derivacionais do português, tais como o -mentu. Inicialmente, pode-se supor que o -mentu não seria afixo propriamente dito nessas línguas, mas emprestados em conjunto com as palavras. Como, por exemplo, **lêgulamentu** [santome] “regulamento”, poder-se-ia dizer que tal palavra foi emprestada como um todo, por essa razão o -mentu não seria um afixo por si só nas referidas línguas. Entretanto, ao se analisarem vocábulos como **ndjutu[mentu]** [caboverdiano] “falta de respeito”, **saka[mentu]** [lung’Ie] “vômito”, **benze[mentu]** [santome] “inauguração”, nota-se que o -mentu é, de fato, um afixo formador de palavra. (FREITAS & BANDEIRA, 2016, p.249).

Contrapondo a ideia de simplicidade estrutural, podemos perceber o processo de derivação sufixal ocorrendo com a utilização do sufixo “mentu” para criação de novas palavras. Segundo Pratas (2002), definir a falta de estruturas morfológicas em uma língua de contato se baseando apenas em alguns aspectos como, por exemplo, o pouco tempo da língua é uma posição errônea, pois podemos ver essa “simplicidade” também no inglês.

Dizer que não houve tempo para os “aperfeiçoamentos” deverá implicar que estamos a referir-nos aos primeiros anos do contacto de línguas, e não aos quatro ou cinco séculos que se lhe seguiram; se assim não for, qual falta de tempo? Mas, acima de tudo, que “aperfeiçoamentos”? Não será precisamente porque uma língua tem em si todos os elementos estruturais necessários aos seus falantes (a quaisquer falantes, e não a uns em particular) que ela não precisa de se “aperfeiçoar”? (PRATAS, 2002, p. 10)

Sobre a morfologia em crioulos, Freitas e Bandeira (2016) apresentam, dentre outros processos morfológicos, uma breve discussão sobre formação de compostos em línguas de contato como o lung’ie, o santome e o kabuverdianu. As autoras apresentam exemplos de palavras criadas através dos processos neológicos, em que ocorre há a formação de palavras novas pelo processo composicional, oferecendo como exemplos as palavras dispostas no Quadro 6.

Quadro 6. Exemplos de itens formados por composição⁴

ITEM 1	ITEM 2	ITEM COMPOSTO
Livlu (ST) “livro”	Nglandji (ST) “grande”	Livlu-nglandji (ST) “dicionário”
Lixi (ST) “nariz”	Tapa (ST) “obstruir, tapar”	Lixi-tapa (ST) “constipação nasal”
Livu (LU) “livro”	Dêsu (LU) “Deus”	Livu-dêsu (LU) “bíblia”
Guárda (KV) “guardar”	Kumida (LU) “comida”	Guárda-kumida (KV) “despensa”
Guárda (KV) “guardar”	Kabés (KV) “cabeça”	Guárda-kabés (KV) “festa sincrética, pagã, celebrada pelos pais, padrinhos e amigos, normalmente sete dias depois do nascimento da criança”

(Fonte: FREITAS e BANDEIRA, 2016, p.251).

Através desses exemplos, podemos constatar a existência de formação de compostos em línguas crioulas de base lexical portuguesa do Golfo da Guiné e da Alta Guiné, como o kabuverdianu, reafirmando a existência de processos morfológicos nas línguas crioulas do Atlântico. No capítulo 3, referente à análise de dados, trataremos dos compostos em outra língua crioula da Alta Guiné, o guineense.

⁴ Santome – ST; Lung’ie – LU; Angolar – AN; Fa d’ambô – FA; Kabuverdianu – KV.

2.1.2 Estudos sobre composição: novas propostas

Em que pese a possibilidade de uma relação entre o comportamento dos compostos em português e em guineense, a pressuposta relação não pode ser tomada de forma absoluta, já que estamos lidando com línguas que, apesar de apresentarem semelhanças quanto ao léxico, guardam obviamente diferenças estruturais. Nossos estudos iniciais partiram das proposições feitas por Lee (1997) e Monteiro (2002). Apesar da identificação de alguns padrões de comportamento entre os compostos em português e em guineense, observou-se que ainda não era suficiente para determinar se realmente os critérios previstos em português, por exemplo, aplicam-se em guineense. Torna-se assim imprescindível ampliar a fundamentação teórica para assim conseguirmos estabelecer critérios mais precisos, o que será feito na presente seção. Pretendemos então realizar análises a partir de estudos que tratem do comportamento dos compostos em outras línguas.

O primeiro estudo a ser abordado intitula-se *Introduction: Status and Definition of Compounding* escrito por Rochelle L ber e Pavol Stekauer (2011). Logo de início, os autores levantam algumas questões básicas como: realmente sabemos o que   um composto? Os autores relembram os parâmetros mais empregados para distingui-los, parâmetros estes como, por exemplo, o acento fonológico. O acento também   um critério apontado por Lee (1997) como relevante para o português. Assim, segundo o autor, os compostos podem carregar dois acentos fonológicos, enquanto a palavra não composta carrega apenas um. Além disso, outros critérios também são usados para distin o de compostos, a saber: *impenetrabilidade, inseparabilidade e inalterabilidade sint tica*. Quando falamos em *impenetrabilidade*, nos referimos   impossibilidade de introduzir elementos entre os constituintes. Já a *inseparabilidade* diz respeito ao fato de os elementos serem inseparáveis, logo qualquer tipo de altera o pode causar uma altera o semântica, ou seja, mudança ou ausência de sentido. Por fim, a *inalterabilidade sint tica* quer dizer que não pode haver altera o nos constituintes, visto que os sintagmas são fixos, possuem entre si uma rela o de dependência e ordem. Outra questão que os autores citam sobre o comportamento dos compostos   a rela o de flexão, ou seja, a possibilidade que uma palavra, em determinadas línguas, tem em se modificar para expressar diferentes categorias gramaticais.

Os autores nos trazem uma analogia sobre a conceitua o de compostos. Na parábola do “cego e do elefante”, várias pessoas cegas tentam, apenas com o tato, descrever e nomear o elemento desconhecido que, no caso, era o elefante. Em meio às tentativas, surgem várias

descrições baseadas em experiências limitadas do que realmente se tratava. Em outras palavras, os humanos tendem a estabelecer verdades absolutas, baseadas apenas em suas experiências limitadas e subjetivas, ignorando outras proposições feitas por outras pessoas que agem da mesma forma. Tentando fazer uma relação com o conceito de compostos, podemos ver, em nossas análises, definições diferentes do que seja realmente um composto e dos critérios que de fato podemos usar para nomeá-los como tal em guineense (LÍBER E STEKAUER, 2011, p.1).

Em termos de teoria, os autores consideram a composição a partir de abordagens díspares tanto gerativistas quanto não gerativistas e sob diferentes perspectivas: sincrônicas, diacrônicas, psicolinguísticas e desenvolvimentistas. Tal estudo, empreendido por Líber e Stekauer (2011), pretende aguçar a compreensão do que é um composto, olhando não apenas para as línguas relacionadas entre si de alguma forma, mas também para uma gama de línguas diversas, ou seja, pretende-se determinar um conceito levando em conta o maior número possível de línguas, considerando-se não só as línguas semelhantes em termos tipológicos.

Quanto à definição do fenômeno observado, os autores citam a conceituação dada por Bauer (2003, p. 40 *apud* LÍBER E STEKAUER, 2011, p.02) que descreve um composto como “a formação de um novo lexema juntando dois ou mais lexemas”. A partir da definição proposta por Marchand, em seu texto intitulado “Expansion, transposition and derivation” (1967 *apud* LÍBER E STEKAUER, 2011), os compostos não existem como um tipo separado de formação de palavras, na verdade, o estudioso distingue apenas duas categorias básicas de formação de palavras: expansão e derivação e traz os seguintes aspectos:

Se uma palavra complexa pertence a um ou a outra categoria depende do que ele chama de “determinatum” - na verdade, a cabeça da palavra complexa - ser um morfema independente ou não. Para Marchand, uma expansão é uma palavra complexa em que o determinatum é um morfema independente. As expansões podem ter um morfema limitado ou livre como seus “determinantes” - nos atuais termos, seu modificador ou elemento não principal (LÍBER E STEKAUER, 2011, p.2 tradução nossa.)⁵

Ou seja, o que Marchand chama de “determinatum” é um morfe (parte integrante que forma uma palavra) que será o elemento responsável em determinar se se trata de expansão ou derivação. Conforme Basílio (1999), no Estruturalismo, instituiu-se o morfema como centro da análise linguística, pois a palavra perdera seu status de unidade principal na estrutura da língua. Para Marchand, se o morfema for limitado ou livre se trata de uma expansão, distinguindo-se o que muitos estudiosos chamam de formas livre, presa e dependente. Segundo

⁵ Whether a complex word belongs to one or the other category depends on what he calls “determinatum” - in fact, the head of the complex word - is an independent morpheme or not. For Marchand, an expansion is a complex word in which the determinatum is an independent morpheme. Expansions can have a limited or free morpheme as their “determinant” - in current terms, their modifier or non-main element (LIEBER E STEKAUER, 2011, p.02)

Câmara Jr. (1989, p. 88), “forma presa [...] só aparece ligada a outra e por ela condicionada; forma dependente [...] nunca aparece isolada, mas pode aparecer ligada a outra que não é aquela que a condiciona, quando entre ela e a sua condicionante se intercalam livremente outras formas; forma livre, que aparece não raro isolada.” O conceito de formas livres foi anteriormente difundido por Blomfield (1887-1949), segundo o qual, as formas livres e dependentes coincidem com os vocábulos. A forma livre se identifica com o que se chama de palavra lexical (principalmente substantivos), já a forma dependente se trata de palavra funcional ou gramatical (sobretudo preposições e conjunções). O conceito de forma presa, popularizado por Bloomfield, abrange os afixos (ou seja, sobretudo prefixos e sufixos) e desinências (no caso do português, verbais e nominais), distinguindo-se das outras formas, pois são unidades que não funcionam sozinhas, são sempre presas a outras (por exemplo: o prefixo *in-* em *infeliz*; o sufixo *-ndo* em *andando*; o radical *receb-* de *receber*).

Marchand classifica os itens com prefixo como *reheat* “reaquecer” ou *outrun* “escapar(se), desviar(se)”, do mesmo modo que compostos como *steamboat* “barco a vapor” ou *colourblind* “daltônico”: todos pertencem ao mesmo grupo. Nos exemplos citados, podemos perceber que o autor iguala as palavras formadas pelo processo de afixação aos constituídos por composição, indicando que não existiria o processo de composição em separado.

Em um determinado ponto da análise, os autores fazem um questionamento sobre o porquê de estarem sendo realizadas comparações entre conceitos de composição, mas respondem alegando que sempre houve tais discussões sobre o que exatamente é um composto e se o mesmo existe como uma espécie distinta de formação de palavras. Dando prosseguimento à discussão, os autores relatam como é difícil chegar a uma definição satisfatória e universalmente aplicável do que seja composto. Apesar de haver vários debates, várias tentativas de chegar a um posicionamento sobre a conceituação ou até mesmo questionamentos sobre a necessidade da categorização do composto como um processo de formação de palavras distinta, essas tentativas perduram até os dias de hoje, uma vez que a discussão passa ao largo de se esgotar.

Segundo os estudiosos, nem sempre é possível fazer distinções evidentes entre palavras compostas ou frases derivadas. Sobre essa questão, voltamo-nos mais uma vez às ideias de Marchand (1960 *apud* LIBER E STEKAUER, 2011, p.03) que diz: “Quando duas ou mais palavras são combinadas em uma unidade morfológica falamos de um composto”. Notamos aqui uma contradição, pois o mesmo autor nos diz que não existem processos distintos de composição e, em seguida, assume a provável existência da categoria. Contudo, Marchand se retrata ao afirmar que essa definição de composto está enraizada nas características analíticas do inglês,

sobretudo, pela ausência de uma grande gama de morfemas flexionais na mencionada língua. Em línguas em que há morfemas flexionais como tcheco, eslovaco, russo ou mesmo português, os constituintes individuais das frases sintáticas são flexionados. Logo, os compostos resultam da combinação não de palavras, e sim de radicais, ou seja, partes não flexionadas de palavras independentes que não constituem, portanto, palavras independentes. Pelo que podemos perceber, segundo os autores, a definição do que é um composto está relacionada a morfologia do inglês, logo não foram levados em conta outros idiomas em que os constituintes individuais são flexionados. Tal discussão se coaduna com as definições de Lee (1997) que define compostos pós-lexicais como formações sintáticas reanalisadas. Nesse sentido, segundo William & Di Sciullo (1987 apud LEE, 1997), os compostos pós-lexicais permitem os processos morfológicos entre seus constituintes (como *carro-forte/carros fortes*). Lee (1997) então conclui que um verdadeiro composto é flexionado como um todo (*guarda-roupa/guardaroupas*).

Uma possível solução para o problema acerca da definição de composto seria utilizar a conceituação feita por Bauer (2003:40), em que composto seria a combinação de dois ou mais lexemas. O termo lexema parece específico o suficiente para excluir afixos, mas amplo o suficiente para abranger as raízes, radicais e palavras que podem formar compostos em idiomas tipologicamente diversos. Contudo Bauer levanta um problema: devemos ser precisos com o que queremos dizer com “lexemas”, pois a questão está em como distinguimos radicais ligados a afixos derivacionais. Com intuito de sanar essa problemática, o autor nos propõe uma possível saída: poderíamos utilizar critérios semânticos. Em conformidade com Bauer (2003, *apud* LÍBER E STEKAUER, 2011, p. 4), “as raízes em certos sentidos têm mais substâncias semânticas do que afixos, porém existem línguas em que os itens que foram identificados como afixos têm tanta, ou quase tanta, substância semântica quanto itens [...] identificados como raízes em outras línguas”.

Mithun (1999: 48-50) argumenta, por exemplo, para o que chama de “afixos lexicais”⁶ (itens lexicais⁷) em muitas línguas nativas americanas. Os afixos podem se parecer semanticamente com raízes, mas sua distribuição é diferente daquela das raízes. Os itens servem a uma função de discurso bastante diferente das raízes (servem para se referir a uma informação que já foi introduzida em um discurso). Logo distinguir lexemas de não lexemas pode não ser possível em termos semânticos segundo o autor.

⁶ Morfemas que podem ser ligados ao radical, formando assim uma nova palavra, resultando no português em uma palavra derivada.

⁷ Os itens lexicais no português são os substantivos, os adjetivos, os verbos e os advérbios de modo.

Outro fato pertinente que os estudiosos citam no decorrer do texto é que as definições, feitas por Bauer (2003) que descreve compostos como um “novo” lexema, vão contra ao que os autores chamaram de “questão macro”. Assim sendo, eles fazem duas perguntas: “como fazemos para distinguir compostos de formas frasais? E como saber quando se trata de um “novo lexema””? Tais questionamentos são relevantes, pois, quando estamos nos referindo ao inglês, muitas vezes são utilizadas formas frasais. Podemos observar conflitos dessa ordem gerados por compostos no português brasileiro (PB) como salienta Silva (2010):

Mesmo no âmbito de uma única língua pode-se constatar que um determinado vocábulo e determinada perífrase apontam para um mesmo significado. Assim, no PB, “moedor” e “máquina de moer carne” se refere à mesma entidade. Nesse sentido, o significado é o mesmo, mas a unidade pela qual ele se realiza é diversa. Daí o problema de se definir palavra pelo critério do significado. (SILVA, 2010, p. 72)

Líber & Stekauer (2011) trazem como exemplo, a palavra *blackboard* “quadro negro”, em que fica bem claro que estamos nos referindo a um objeto no qual podemos escrever, independentemente de sua cor. Já em outro exemplo citado, *bowl of tomatoes* “tigela de tomates” e *bowl* “tigela”, nesses casos, não ficaria claro se estamos querendo nos referir à tigela de tomates, pois, segundo os autores, os compostos são dêiticos (DOWNING, 1977). Assim, o contexto seria responsável por determinar a que estamos fazendo referência, por isso não seria possível distinguir uma forma frasal de um novo lexema. Provavelmente, a única maneira de definir compostos seria criar uma lista de critérios que deverão ser obedecidos, para só assim determinar se se trata ou não de um composto. De súbito, isso também não resolveria o problema já que, apesar de haver inúmeros estudos sobre o tema, não há consenso entre eles.

Seguindo o objetivo de estabelecer critérios para definir compostos, buscamos identificar padrões na análise dos compostos em guineense coletados pela presente pesquisa. Contudo, apesar das leituras feitas, na tentativa de estabelecer uma possível relação com os dados analisados, sabemos que os critérios elencados pelos estudos mencionados não foram pensados para o guineense, em específico. Portanto, é imprescindível identificar primeiramente padrões estruturais para que, no futuro, critérios possam ser propostos.

Ainda tentando chegar a uma definição, Líber & Stekauer (2011) trazem as ideias de Danalies (2004:76, *apud* LÌBER E STEKAUER, 2011, p. 05), em que o mesmo analisa as construções germânicas, românicas, eslavas e gregas modernas em termos de dez critérios postulados, assim os compostos:

1º são complexos, ou seja, são formados por dois ou mais constituintes morfológicos, sendo esse constituinte morfológico um afixo derivacional ou flexional⁸.

2º são formados sem afixos de formação de palavras, ou seja, não são palavras derivadas por afixação.

3º são grafados juntos, ou seja, como a palavra composta assume o papel de palavra única, sua grafia não perde essa característica.

4º têm um padrão de acento específico.

5º incluem elementos de ligação. Sobre essa questão, em nossos estudos, não há possibilidade de inserir entre os constituintes um novo elemento, sem que haja assim uma alteração semântica. Contudo, se esse elemento de ligação for uma preposição, podem ocorrer tanto em português como em guineense⁹.

6º possuem cabeça à direita (mais detalhes a esse respeito a seguir).

7º são flexionados como um todo, ou seja, palavras compostas devem funcionar como palavra única, ainda que seja formada por várias formas livres, logo, igualmente como a palavra simples, em que as flexões ocorrem no final da palavra, assim deve ocorrer na palavra composta. Essa característica mencionada como um dos critérios para determinação de composição nos remete aos estudos de Lee (1997) já citado. Contrapondo essa ideia, Moreno (1997, 2002, *apud* SILVA, 2010, p. 52) usa como argumento a “flutuação que esses compostos apresentam quanto ao seu uso”. Em outras palavras, os falantes nativos não se mostram seguros totalmente no momento de flexionar tais compostos. Segundo Moreno, “a flexão de número é um critério seguro para identificar compostos lexicais e pós-lexicais”, contudo devido ao caráter sintático dessas formações.

8º são sintaticamente inseparáveis. Essa definição nos remete às ideias de *impenetrabilidade*, *inseparabilidade* e *inalterabilidade* para fazer distinção de compostos. Sobre isso, podemos relacionar com o presente item a questão da inalterabilidade *sintática* quer dizer que não pode haver separação entre os constituintes, visto que os sintagmas são fixos, possuem entre si uma relação de dependência e ordem.

⁸ Na morfologia flexional, as palavras sofrem modificações para serem inseridas em contextos diferentes, entretanto sua categoria gramatical não é alterada. Já na morfologia derivacional, o afixo adicionado cria uma nova palavra ou uma nova forma, alterando assim sua categoria sintática e sua categoria de base.

⁹ A título de enriquecimento de nossa pesquisa, analisamos alguns compostos em guineense que apresentaram, em sua estrutura, alguma preposição ligando seus constituintes, com o propósito de observar, se há alguma alteração na estrutura da palavra composta, caso fizéssemos a supressão desse elemento de ligação.

9º são ilhas sintáticas e semânticas. Tal característica diz respeito ao arranjo das palavras e suas significações. Com há uma relação de dependência e ordem entre as palavras compostas, não se permitem assim alterações na estrutura da mesma, sem que gere uma perda semântica.

A seguir, os autores explicam cada proposição que foi supracitada, dizendo se é possível ou não empregar como critérios de determinação de composição. Assim sendo, Líber & Stekauer (2011) alegam que um critério em potencial, não mencionado por Danalies (2004), seria a questão da lexicalização que se define pela ação de tornar um vocábulo parte do léxico. Imediatamente essa ideia é descartada, pois, devido à rapidez com que as palavras surgem e pelo acelerado processo de variação que ocorre na língua, tomar esse critério como seletivo para compostos não seria muito seguro.

Ademais, quanto ao não uso da lexicalização como critério de determinação de compostos pela sua volatilidade e inconsistência, Lee (1997) sinaliza a questão de haver alguns compostos que apresentam características tanto de compostos lexicais quanto de pós-lexicais. Nesses casos, é possível fazer a pluralização dos dois constituintes que compõem a palavra composta, assumindo assim o papel de um composto pós-lexical e sendo possível também ocorrer derivação, comportamento que é característico de compostos lexicais. Como exemplo, tem-se a palavra composta *pão-duro* que gera concordância nominal, (*pães-duros*) e permite derivação à extrema esquerda, como se vê em *pão-durinho*. A esses compostos, que apresentam essa peculiaridade, Lee os denominou compostos lexicalizados.

Na sequência, Lieber & Stekauer (2011) também descartam a grafia como formas de distinção de compostos, citando a “inconsistência” da grafia do inglês como exemplo para o não uso desses critérios, pois alguns compostos estão institucionalizados graficamente. Ou seja, segundo Szymanek (1998, p. 41), embora alguns compostos em inglês sejam escritos como palavras únicas ou utilizando-se hífen, essa regra não é rígida por não abarcar todos os compostos, visto que os compostos em inglês são “notoriamente inconsistentes”. Esse mesmo autor traz como exemplo as palavras compostas: *postcard* “cartão postal” como exemplo de palavras únicas em termos de grafia; *sound-wave* “onda sonora” (como exemplo de compostos hifenizados); por fim, *blood bank* “banco de sangue”, *game ball* “bola de jogo”, como exemplos de compostos em que seus constituintes são espaçados, ou seja, grafados como duas palavras separadas. Em vista disso, segundo o texto, a grafia não pode ser usada para distinguir compostos em inglês. Contrapondo à ideia trazida anteriormente e reafirmando a questão de que não há critérios únicos que possam caracterizar compostos universalmente, Líber & Stekauer (2011) nos dizem que, em tcheco e eslovaco, a grafia pode sim ser usada como critério de determinação de palavras compostas, já que todos os compostos são escritos como uma única

palavra, enquanto as frases sintáticas são escritas como palavras separadas. Todavia, os autores ponderam a afirmação anterior, alertando para não se precipitar, ou seja, nenhum critério de determinação e caracterização de composto deve ser tomado como absoluto, excepcional ou inigualável, pois, como já foi dito, não há estudos que assumam esse papel. Assim os autores admitem que devem existir critérios de determinação de compostos, critérios estes que levam os falantes a escrever uma sequência como uma palavra, ao invés de duas. Contudo, “a grafia não pode ser tomada como um critério de composição, porque reflete apenas secundariamente a situação na língua falada” (LÌBER E STEKAUER, 2011, p.07).

Dentre todos os aspectos mencionados até o momento pelas autores, vimos que nenhum foi mantido por muito tempo, sem haver na sequência, algo que fosse questionado, e sua ideia fosse colocada sob suspeita, porém Líber & Stekauer (2011) retomam os critérios e parâmetros que foram mencionados no início e indicam quais são os critérios mais empregados para fazer distinção de compostos, a saber: (i) *acento e outros meios fonológicos*; (ii) *impenetrabilidade, inseparabilidade e inalterabilidade sintática*; (iii) *o comportamento do item complexo em relação à flexão*. Depois de retomar tais critérios, Líber & Stekauer (2011) começam a explicar a relação do acento e os meios fonológicos, usando como um dos critérios fonológicos a questão do acento em inglês, afirmando que é a mais relevante forma para determinar a composição, no que diz respeito aos compostos na mencionada língua. Tal temática tem sido foco de intensas pesquisas nas últimas décadas. Segundo os autores: “[...] costuma-se dizer que os compostos em inglês exercem pressão sobre os constituintes à esquerda enquanto as frases sintáticas carregam um nível de ênfase ou são enfatizados na cabeça, ou seja, o constituinte do lado direito” (LÌBER E STEKAUER, 2011, p.08).

Os autores mais uma vez colocam os critérios de determinação de compostos à prova, pois “[...] são fatores que parecem puramente idiossincráticos” (LÌBER E STEKAUER, 2011, p.08). A respeito do acento, os falantes nativos podem variar sua pronúncia de forma específica. Sobre essa questão mencionada, Kingdon (1966:164, *apud* LÌBER E STEKAUER, 2011, p.08) afirma que, no inglês americano, “há uma tendência mais forte para o simples acento de compostos, com o acento do lado esquerdo”. Assim também, Líber & Stekauer (2011) citam o contexto e as condições pragmáticas, ou seja, as questões semânticas e situações comunicativas em que a interpretação só irá ocorrer em situação concreta de fala, logo o contexto em que a palavra composta é pronunciada interferirá diretamente sobre o seu entendimento. Desse modo, a posição do acento isoladamente pode ser diferente de quando tais palavras são pronunciadas no contexto da frase, tal afirmação está em conformidade com Kingdon (1958, p. 147), Roach

(1983), Bauer (1983, p. 103), Stekauer, Valera e Diaz (2007 *apud* LÌBER E STEKAUER, 2011, p. 8)

A expressão “cabeça à direita” faz parte dos critérios que foram propostos por Danalies (2004:76, *apud* LÌBER E STEKAUER, 2011, p.06) para determinar se se trata ou não de um composto. Quando falamos sobre cabeça à direita, estamos trazendo o sentido morfológico do composto, ou seja, entre os constituintes de um composto, sempre há um que é responsável pelo sentido maior que abrange os constituintes envolvidos. Assim, essa ênfase pode ocorrer tanto no constituinte mais à direita ou à esquerda. Contudo, Líber & Stekauer trazem para essa discussão a ideia de Spencer (2003 *apud* LÌBER E STEKAUER, 2011, p. 08) que diz, em seus estudos, que essa ideia de acento pode ser usada também para fazer distinção entre diferentes leituras da mesma combinação de constituintes. Bauer (1998 b: 70-2, *apud* LÌBER E STEKAUER, 2011, p.08) aponta que “mesmo dicionários individuais podem diferir na maneira como marcam o acento em compostos específicos”. Contudo, inúmeros teóricos ainda tentam supor hipóteses sobre o porquê de alguns compostos em inglês carregarem acento à esquerda, enquanto outros não. Em síntese, podemos perceber que há várias discussões sobre a relação de dependência das palavras que estão envolvidas na constituição do composto, sobretudo no que diz respeito aos compostos em inglês e o acento que seus constituintes recebem.

Ainda sobre critérios de acentos, Líber & Stekauer (2011) trazem à baila a proposta de Giegerich (2004, *apud* LÌBER E STEKAUER, 2011, p.09), que tenta analisar as características estruturais das construções N+N. De acordo com Giegerich (2004 *apud* LÌBER E STEKAUER, 2011, p 09), a maioria das construções em que encontramos a estrutura N+N de cabeça de atributo são na verdade frases e não compostos, logo dão ênfase ao constituinte do lado direito, ou seja, possuem cabeça à direita. Giegerich traz como exemplo a palavra *steel bridge* “ponte de aço”, em que o substantivo *steel* modifica o substantivo *bridge*, o autor classifica então essa palavra como uma frase, pois tem o acento à direita, ao passo que:

Combinções do tipo N+N, em que exibem estruturas de cabeça de complemento (por exemplo, “campo de batalha” (battlefield), “mercado de frutas” (fruit market), “creme para as mãos” (hand cream), são compostos, e portanto, enfatizam o constituinte do lado esquerdo, assim como as colocações da cabeça do atributo que são lexicalizados. (GIEGERICH ,2004, *apud* LÌBER E STEKAUER, 2011 tradução nossa).¹⁰

¹⁰ Combinations of type N + N, where they display complement head structures (for example, “battlefield” (battlefield), “fruit market”, (fruit market), “hand cream”, (cream for the hands), are composed, and therefore, emphasize the constituent on the left side, as well as lexicalized attribute header positions (GIEGERICH, 2004, *apud* LIBER E STEKAUER, 2011).

Já segundo Plag (2006 *apud* LÌBER E STEKAUER, 2011 p.09), “as colocações de cabeça de complemento geralmente exibem acento do lado esquerdo, mas as colocações da cabeça do atributo também exibem, embora com menos frequência”. Conforme o autor, isso se aplica aos novos compostos, assim como aos compostos lexicalizados contrapondo assim a ideia trazida por Giegerich (2004), já que a ênfase no lado esquerdo, nas colocações de cabeça de atributo, não pode ser atribuída à lexicalização. Logo, segundo Líber & Stekauer (2011), é difícil encontrar um princípio estrutural que explique a variabilidade do acento nos compostos em inglês.

Na análise feita, houve um momento em que as características estruturais do composto, ou seja, sua categoria gramatical foi empregada como critério de identificação de composto. Quanto a esse aspecto, traremos algumas informações referentes aos compostos em PB e sua classe gramatical que, segundo Moreno (1997, 2002), pode gerar diferentes interpretações para a estrutura do composto. De acordo com Moreno (1997, 2002, *apud* SILVA, 2010, p. 53), “nomes e adjetivos situam-se entre fronteiras tênues”. Com isso, a classificação de um vocábulo composto como nome ou como adjetivo pode gerar diferentes interpretações. Silva (2010) traz como exemplo a sequência: [**X**+ **Adj.**], levando-se em conta que o **X** é um adjetivo, teremos uma relação de adição, a exemplo de **econômico–social**. Ao passo que, se tomarmos o **X** como um nome, teremos uma relação de modificação, a exemplo: **carro-forte**. Na sequência, Moreno (1997, 2002, *apud* SILVA, 2010, p. 53) alega que “a falta de limite entre nomes e adjetivos pode gerar ambiguidade de interpretação”. O mencionado autor traz como exemplo o **surdo-mudo**¹¹, um vocábulo que está a “mercê dessa ambiguidade”. Silva (2010) destaca que, para Lee (1995 *apud* SILVA, 2010, p. 53), “esse vocábulo composto é formado de dois adjetivos no pós-léxico, mas Moreno discorda, apontando, primeiramente, que **surdo-mudo** pode ter interpretações diversas, **N+A**, com flexão obrigatória no primeiro elemento e opcional no segundo”. Entretanto, “caso se interprete como uma sequência **A+A**, **surdo-mudo** é uma coordenação sem núcleo, com flexão apenas no segundo elemento como qualquer adjetivo composto” (SILVA, 2010, p. 53).

Dando prosseguimento a análise do comportamento e definição do que seja um composto, iremos analisar o estudo de Bisetto e Scalise (2017). Logo no início, os autores dizem que geralmente os compostos possuem em sua estrutura pelo menos duas palavras. Nota-se que

¹¹ Tal termo é antigo e tem sido rejeitado, compreensivelmente, pela comunidade surda, uma vez que nega a possibilidade de que surdos sejam capazes de usar seu aparelho fonador. Ademais, surdos que também não produzem sons orais constituem uma minoria na comunidade surda.

essa ideia não foge das ideias propostas por estudiosos que pesquisam o processo de composição em português (MONTEIRO, 2002).

Um dos objetivos da pesquisa é averiguar uma possível classificação do que seja um composto, tentando encontrar uma que seja adequada ou que, pelo menos, seja universalmente aplicável em línguas diferentes. Bisetto e Scalise afirmam que essa classificação nem sempre se aplica na estrutura de formação de composto, ou seja, nem sempre um composto é formado pela junção de duas palavras, com isso, os autores pretendem propor critérios que englobem vários idiomas.

A seguir, os autores citam os compostos neoclássicos e os compostos frasais. Segundo Bisetto & Scalise (2017), os compostos neoclássicos são construções como em *antropologia* e *inseticida*, cujos constituintes são de étimo grego e latino (antropo- e -logia no primeiro exemplo e -cida no segundo). Já os compostos frasais são encontrados em línguas germânicas em que o principal constituinte é uma construção frasal (BISETTO & SCALISE, 2017). Até o momento, essa classificação foi testada em italiano, inglês, holandês, espanhol, chinês, francês, alemão, búlgaro, norueguês e russo, demonstrando assim um avanço nos estudos, pois, como já foi dito, é muito difícil determinar um critério que se aplique ou que englobe línguas distintas. Há vários estudos que se propõem a estudar os compostos e tentar propor critérios, contudo esses critérios não são universais. Bisetto e Scalise (2017) atribuem a ausência de um caráter mais universal dos critérios, ao que chamam de “uma gama de diferentes problemas”, tais como: problemas terminológicos; problemas de categorias lexicais negligenciadas e a inconsistência dos critérios utilizados.

Em relação aos *problemas terminológicos*, os mesmos se enquadram em dois tipos distintos: mudança de significados dos termos, ou seja, como acontece com várias palavras e não seria diferente com palavras compostas, com o tempo, o significado das palavras muda, ocorrendo alterações semânticas. Processo natural tendo em vista à evolução natural das línguas, que são vivas e estão em constante evolução. Sobre a evolução que as palavras sofrem, Garcia (2001) diz:

Muitos filólogos e estudiosos da história da língua esquecem-se, durante o transcurso de suas pesquisas, de que assim como as palavras mudam sua forma e sua sintaxe através dos tempos, também seu significado vai se modificando com o passar dos anos, em decorrência de uma série de fatores sociais e culturais (GARCIA, 2001, p.66).

Ainda sobre os *problemas terminológicos* os autores citam também a natureza específica da língua, ou seja, cada língua possui suas particularidades, possuem diferenças de

significação. Isso é notado não apenas em línguas distintas, há casos de mudanças ocorrendo em uma mesma língua, o que se conhece como variação linguística. Como exemplo, menciona-se a palavra “bahuvrihi”, que era empregada na indicação de um composto excêntrico possessivo (“aquele que tem muito”), posteriormente passou a ter o único significado genérico de “excêntrico” (BISETTO & SCALISE, 2017, p.50). Segundo Bauer (2001:700 *apud* BISETTO & SCALISE, 2017, p.50) “esse termo acabou se aplicando a qualquer composto que seja, não é um hipônimo de seu próprio elemento principal”.

Há também problemas relacionados às tradições anglófonas que privilegiam uma língua em detrimento de outras, já que a maioria dos estudos só leva em conta a língua inglesa. Com isso levam em conta apenas dois tipos de compostos: compostos de raiz (ou primário) e compostos sintáticos (secundários). Bisetto e Scalise (2017) salientam que as noções de compostos de raiz não podem ser aplicadas a todas as línguas, como, por exemplos, as línguas românicas não possuem compostos baseados em raízes já que “[...] os lexemas românicos, além da raiz, podem conter outro elemento com informações gramaticais”, como, por exemplo, a palavra italiana, “capostazine” “chefe da estação”, em que as palavras envolvidas na formação do composto, *capo* e *stazione* possuem [...] “raízes *cap-* e *stazion-* mais um morfe gramatical, *o-* e *-e* respectivamente” (BISETTO & SCALISE, 2017, p.51). Os compostos rotulados como sintáticos não se aplicam, em específico, às línguas românicas.

Os autores concluem que os termos “raiz” e “sintáticos” caíram em desuso, por se aplicarem apenas ao inglês. Igualmente, não é recomendável o uso dos termos “frasal” e “neoclássicos”, já que, segundo os autores, sua significação carrega consigo o traço particular de algumas línguas.

O segundo problema, citado pelos autores, sobre o porquê de não haver critérios universais de classificação de compostos diz respeito ao “*problema de negligências de categorias gramaticais*”. Mencionamos anteriormente os esforços de Giegerich (2004 *apud* LÌBER E STEKAUER, 2011, p.09) que tenta relacionar as características estruturais às construções N+N. Nota-se, nessa posição, a busca pela identificação do composto a partir da sua estrutura, ou seja, utilizando a categorização gramatical. Nessa esteira, Bisetto & Scalise (2017) chamam a atenção para o fato de que as pesquisas morfológicas, mais especificamente de compostos em inglês, favorecem construções de compostos que são formados pela categoria dos nomes (N+N) e dos adjetivos(N+Adj.), negligenciando assim outras categorias lexicais como, por exemplo, adjetivos compostos por Adj.+Adj. (agridoce) ou A. +N (It. Giallo limone “amarelo limão”). Por fim, é preciso tecer breves considerações a respeito das relações semânticas entre componentes de um composto, posto que há vinculações de significado entre

palavras, frases e expressões em um determinado contexto, logo o composto não se encontra apartado disso. Conforme afirma Cançado (2008), podemos classificar a relação de sentido em quatro formas que são sinonímia, antonímia, hiperonímia e hiponímia. Em relação à significação, podemos entender por sinonímia o conteúdo que possui semelhança de significado entre palavras, ainda que distintas formalmente, ou seja, são sinônimos quando, dentro do contexto, podemos atribuir uma relação de equivalência semântica. Citando alguns exemplos: temos *tostão, vintém, grana, dindim*, vemos que apesar de possuírem grafias diferentes remetem ao mesmo significado “dinheiro”, por isso são sinônimos.

Diferente da sinonímia, a antonímia está relacionada ao oposto semântico das palavras, ou seja, as palavras possuem sentidos contrários entre si. Podemos ver nos exemplos *escaldante, quente, morno, fresco, frio, congelante*. Nota-se que as palavras possuem sentidos distintos. Já em hiperonímia, há uma relação de “toda parte” e de sentido específico. Em outras palavras, quando queremos designar um item para nos referirmos a um conjunto de palavras num sentido mais amplo, estamos nos referindo aos hiperônimos como, por exemplo, a palavra inseto que engloba vários insetos (borboletas, mosca, mosquito) e esportes que se refere a várias modalidades de prática esportiva (como futebol, natação, basquete etc). No tocante às hiponímias, por sua vez, trata-se de palavras com sentido mais específico. Podemos ver nos exemplos citados anteriormente que, dentro do grupo de hiperônimo, há palavras que o compõem como, por exemplo, futebol, natação e basquete. Vemos que são vocábulos específicos que fazem parte de um “todo” que é grupo de esportes. Nesse caso, futebol, natação e basquete são hipônimos de esporte e esporte, por seu turno, é o hiperônimo de futebol, natação e basquete.

Dentre todas as ideias que foram trazidas no decorrer do texto, a posição de justificar a identificação do composto, utilizando a estrutura, ou seja, utilizando a categorização gramatical e o significado destacaram-se para a presente análise. Assim, estabeleceu-se o objetivo de observar o aspecto estrutural e semântico de constituição na base de dados. Sabe-se que ainda não há critérios de qualquer ordem pensados para determinação de compostos em guineense. O que se tem como base de análise são suposições feitas, utilizando critérios que foram pensados para compostos em outras línguas, consideradas pelo senso comum como detentoras de prestígio social, mas que ainda assim não são obviamente universais. Explanada a fundamentação teórica a respeito do fenômeno e indicados os desafios provocados pelo objeto de análise, na próxima seção, serão apresentados os materiais e métodos empregados para execução do estudo.

2.2 MATERIAIS E MÉTODOS

No início da pesquisa, o primeiro passo dado foi fazer levantamento de material bibliográfico, ou seja, foi feita a leitura de artigos e estudos (ALVES, 1996; LEE, 1997; BASÍLIO, 2000; DENGLER & BLUM, 2001; MONTEIRO 2002; BASÍLIO, 2006; COUTO, 2009; SILVA, 2010; LIEBER E ŠTEKAUER, 2011; CHAPOUTO, 2014, GONÇALVES, 2016; FREITAS & BANDEIRA, 2016) sobre o tema do trabalho que são os compostos bem como neologismo que também faz parte do processo.

Fazendo um detalhamento mais específico do método empreendido, inicialmente foram feitas leituras referentes ao tema proposto. Um dos primeiros estudos lidos foi o livro de José Lemos Monteiro, intitulado “Morfologia Portuguesa”. O livro serviu como apoio, pois é necessário primeiro conhecer o âmbito em que se estudam os processos pelos quais são criadas palavras, já que a pesquisa tratou de um desses processos: a composição. Outro texto teórico lido foi o de Margarida Basílio (2000). No texto “Em torno da palavra como unidade lexical: palavras e composições”, Basílio fala da conceituação do que é uma palavra, trazendo explicações de vários teóricos que, em seus trabalhos, trataram de conceituar o termo. Basílio também discute sobre a definição do que é um composto, tentando fazer uma relação entre o conceito de “palavra” e “composição”, trazendo a distinção de formas livres e formas presas a partir das propostas de Bloomfield (1887-1949) e Câmara Jr (1989). A importância de ler esse artigo de Basílio se deu para fixar o entendimento do conceito de *palavra* e compreender o comportamento de um composto em uma frase, pois o composto, em geral, comporta-se como uma palavra única, mesmo sendo constituído por dois ou mais itens lexicais.

A leitura do texto “Os Compostos no crioulo português da Guiné-Bissau” de Couto (2009) permitiu a compreensão do contexto histórico e cultural do país, pois é necessário se conhecer o que se tem por trás da formação do país bem como de sua língua. Outro estudo que contribuiu para a pesquisa foi o livro de Margarida Basílio (2006), “Formação e Classes de Palavras do Português do Brasil”, em que a autora fala sobre língua, léxico, palavras, categorias gramaticais e sua importância.

Feita a leitura dos textos, passamos para a fase de fichar os textos lidos para facilitar a escrita da análise. Feito isso, começamos de fato a coleta. Para fins de análise, o estudo partiu da catalogação dos compostos no guineense, recolhidos do Dicionário Guineense-Português (SCANTAMBURLO, 2001), em que coletamos os compostos de lexia complexa. Os compostos coletados são compostos genuínos, pois percebeu-se que foram processos neológicos que ocorrem na língua crioula guineense, ademais, não incluímos na pesquisa

compostos que já existem em português e possivelmente foram tomados de empréstimo, como por exemplo, **abri-udju** (“abrir olho”); **mau tcheru** (“mau cheiro”); **mau gustu** (“mau cheiro”); **dur di kutuvelu** (“dor de cotovelo”); **palabra di ordi** (“palavra de ordem”). Em outras palavras, não houve um processo neológico em guineense, logo por não ser o escopo de nossa pesquisa fizemos a exclusão dos itens citados e de outros com configuração semelhante. Para facilitar a análise dos dados coletados e a filtragem das informações, trabalhamos com a planilha no Excel, pois essa ferramenta dá a possibilidade de separar os dados coletados a partir de uma seleção rápida.

Como a proposta do trabalho é discutir sobre compostos no guineense moderno, estudamos também sobre o fenômeno que dá origem aos compostos: o neologismo. Apesar da dificuldade em achar trabalhos teóricos que estudam o fenômeno em línguas crioulas de base lexical portuguesa, conseguimos fazer o estudo através de alguns textos e artigos encontrados como: *Os Compostos no Crioulo Português da Guiné-Bissau* (COUTO, 2009); *Análise morfológica dos crioulos do Golfo da Guiné e do kabuverdianu* (FREITAS & BANDEIRA, 2016); *The Handbook of Pidgin and Creole Studies*, (KOUWENBERG & SINGLER, 2008).

Os compostos encontrados no dicionário são inúmeros, limitamos o levantamento a 300 compostos, que foram separados na planilha do Excel de acordo com as seguintes categorias: 1- composto e classe gramatical; 2- significado do composto; 3-primeiro constituinte que compõe o composto, 4-significado e classe gramatical do primeiro elemento; 5-segundo constituinte que compõe o composto, 6-significado e classe gramatical do segundo elemento.

Figura 1- Modelo da tabela de catalogação dos compostos guineense no Excel

A	B	C	D	E	
1	PALAVRAS COMPOSTAS	SIGNIFICADO	1ª PALAVRA	Classificação da primeira palavra	2ª PALAVRA
2	abri-boka; <i>lata composta</i>	abrir a boca (N)	Abri(abrir porta)	verbo	boka1 (entrada)
3	abri-lata; <i>lata composta (N)</i>	instrumento utilizado para abrir latas	Abri(abrir porta)	verbo	lata1 (caneca; caix)
4	abri-udju		Abri(abrir porta)	verbo	udju(órgão da v
5	abri-vale <i>lata composta non</i>	gerante; flador (abrir o vale	Abri(abrir porta)	verbo	vale*val1(depres
6	arami-farpadu; <i>(lata compo</i>	arame com farpas	arami(fio de metal flexível)	substantivo	farpadu(diz-se d
7	arami-kemadu; <i>lata compo</i>	arame dobrável utilizado em construções	arami(fio de metal flexível)	substantivo	kemadu(incendi

Fonte: dados da autora.

Com os compostos listados e utilizando a ferramenta de filtragem do Excel, fizemos a separação dos compostos por classe gramatical. Levando em conta o primeiro constituinte que compõe o composto e sua classe gramatical, fizemos a seleção. Escolhemos como primeiro constituinte o nome, depois verbo e advérbio.

Feito isso, selecionamos algumas palavras compostas das classes citadas para fazer a análise de seu comportamento, tomando como referência os estudos consultados. Analisamos

as palavras compostas quadro a quadro e apresentaremos o que foi observado em cada item no Capítulo 3.

Para fim de enriquecer a pesquisa, após a catalogação dos dados, resolvemos também fazer a análise semântica dos compostos, analisando cada constituinte que faz parte do composto, observando se há relação semântica e quais são essas relações.

No decorrer da pesquisa nos deparamos com compostos que possuem algumas particularidades e, por isso mesmo, foram alvo de uma análise mais demorada, havendo a necessidade de entrevistar alguns nativos para só assim concluir a análise. Assim fizemos uso de questionários; pesquisas e entrevistas com nativos, a fim de obtermos possíveis respostas para as dúvidas que surgiram para título de enriquecimento do trabalho.

O questionário eletrônico foi uma das ferramentas utilizadas como aparato para sanar algumas dúvidas, referentes a utilização e compreensão dos compostos, por parte dos falantes. Nosso intuito era aplicar esse questionário com alguns estudantes nativos do guineense, de preferência falantes que tivessem chegado recentemente, na intenção de os mesmos não terem sofrido ainda muita influência do português falado no Brasil. Infelizmente por questão da pandemia do Covid 19, resolvemos criar e aplicar esse questionário eletronicamente. Assim sendo, por não ter muito contato com os alunos recém chegados, resolvemos pedir ajuda aos colegas que já faziam o curso, além disso pedimos que eles intermediassem o envio do questionário para 14 alunos guineenses que por ventura conhecessem.

Logo, utilizando o *google forms* criamos um questionário em guineense, baseado nas proposições feitas por Monteiro (2002) e Lee (1997), que foram explicados com mais detalhes na seção 2.1. Para isso, contamos com a ajuda de um colega guineense que contribuiu na hora da construção das frases em crioulo.

Feito o questionário, contendo 21 questões referentes as proposições de Monteiro e Lee, encaminhamos o link juntamente com o termo de consentimento para 14 estudantes da Unilab. Conseguimos com que 13 alunos respondessem, de acordo a sua interpretação.

Na sequência, perguntamos a alguns nativos sobre como os mesmos compreendiam a palavra composta na hora da comunicação e interpretação daquela palavra. Ou seja surgiu a dúvida se, por exemplo, em guineense, ocorre o que se registra com algumas palavras compostas em português, em que as mesmas, em determinados contextos, permitem a realização de apenas um componente do composto sem prejuízo semântico.

Para essa análise contamos com a participação de três estudantes do curso de Letras da Unilab. Como já conhecíamos esse alunos, todo contato foi feito através de mensagens no celular e e-mails, quando necessário.

Com o fim de sanar essa questão, fizemos testes com itens como **parque di stacionamentu** “local onde se estacionam carros”. Nesse caso, segundo os informantes, faz-se necessário utilizar a palavra composta em sua inteireza, pois o significado da palavra só será entendido se utilizado integralmente, haja vista que há outras palavras que também são utilizadas para se referir ao local onde se estacionam carros (discutiremos mais a respeito no próximo capítulo). Em relação a forma como foi feita a análise, através de áudios, foi perguntado aos alunos como entendiam determinadas palavras. Lembrando que não foi dado muitos detalhes sobre o objetivo da pergunta, pois sabemos que qualquer informação adicional poderia influenciar na resposta por parte dos falantes. Quando se faz um pesquisa desse tipo, é necessário passar o mínimo de informações metalinguísticas aos entrevistados, para com isso se obter um resultado mais próximo do espontâneo. Como essa análise foi feita com estudantes que já estavam há bastante tempo na Unilab, a restrição de informação sobre o objetivo da pesquisa foi de suma importância.

Ademais, no capítulo de análise dos dados serão dadas mais informações sobre o questionário e as outras abordagens feitas para compor o trabalho.

2.3 SÍNTESE DO CAPÍTULO

Após a definição e exemplificação dos compostos em português, discutimos sobre os compostos sob o olhar de vários teóricos. Posteriormente, tratamos dos procedimentos empreendidos pela pesquisa para o levantamento dos dados contidos no Dicionário Guineense-Português (SCANTAMBURLO, 2001).

No capítulo seguinte, falaremos sobre a análise dos dados obtidos através da coleta, parte fundamental para compor a pesquisa proposta. Iremos analisar os compostos em guineense, analisando o seu comportamento semântico e morfológico, comparando aos compostos em outras línguas.

CAPÍTULO 3

ANÁLISE DE DADOS

Após serem feitas as discussões sobre a fundamentação teórica relativa aos compostos, baseando-se em autores que estudam esse fenômeno, nesta seção, serão apresentadas as análises empreendidas tendo como objeto os compostos em guineense. Assim, esse capítulo se propõe a analisar os dados obtidos a partir da coleta do Dicionário Guineense-Português (SCANTAMBURLO, 2001), como também fazer a análise do comportamento dos compostos no guineense. Para elucidar algumas dúvidas, pedimos a alguns informantes guineenses para nos ajudar na pesquisa. Aplicamos questionários com um intuito de analisar algumas palavras que foram coletadas no dicionário. Para esses testes, antes de responder ao questionário eletrônico, foi solicitado que os informantes assinassem um termo de *Consentimento Livre Esclarecido*.

A seguir mostraremos alguns compostos que encontramos separados por classe gramatical, tomando como base a primeira palavra que compõe o composto. Para facilitar o entendimento e expor os dados coletados, organizamos quadros contendo a palavra composta juntamente com sua categoria gramatical; separamos as palavras que compõem o composto e categoria gramatical respectivamente.

Quadro 3.1: Compostos guineense e categoria gramatical.

Composto/Glosa	1ª palavra composta/Categoria gramatical	2ª palavra composta/ Categoria gramatical
Biku di kaneta (N) “Aparo para escrever”	Biku “ponta” S.	Di kaneta “de caneta” Prep. + S.
Bilheti di identidade (N) “documento que permite ao portador provar sua identidade”	Bilheti “Pedaço de papel” S.	Di identidade “conjunto dos caracteres de uma pessoa que permite a sua identificação” Prep. + S.
Buraku di naris (N) “narina”	Buraku “buraco” S.	Di naris “de nariz” Prep. + S.
Abri-boka (N) “Instrumento da cirúrgico usado para manter a boca aberta”	Abri “abrir” V.	Boka “entrada do aparelho digestivo” S.
Abri-lata (N) “Instrumento que se utiliza para abrir lata”	Abri “abrir” V.	Lata “caneca; caixa metálica” S.
Abri-vale (N) “gerente; fiador”	Abri “abrir” V.	Vale “depressão de terreno” S.
Andar di bas (N) “andar de baixo(térreo)”	Andar “Dar passos; caminhar” V.	Di bas “debaixo que se encontra numa posição interior” Adv.
Bibi di djikindur (V) “embriagar-se severamente”	Bibi “engolir um líquido” V.	Di djikindur “rato ladrão” Prep. + S.
Dona kasa (N) “a primeira mulher de um marido polígamo”	Dona “título concedido às senhoras de família” S.	Kasa “casa” S.

Dur di kutuvelu (N) “Ciúmes, inveja”	Dur “sensação corporal penosa” S.	Di Kutuvelu “articulação que reúne o braço e o antebraço” Prep. + S.
Guarda di kurpu (N) / “Amuleto; talismã”	Guarda “efeito de guardar” S.	Di kurpu “parte física dos seres animados; organismo humano” Prep.+ S.
Mama di bunda (N) “Nádegas”	Mama “órgão glandular característico dos mamíferos” S.	Di bunda “região glútea; as nádegas” / Prep. + S.

Fonte: dados da autora.

Fazendo a análise do quadro, percebemos que a maioria dos compostos pertence a classe dos nomes, fato esse que irá se repetir na grande maioria dos compostos catalogados. Vemos também que a maioria das palavras compostas que é resultado da junção de duas ou mais palavras tem um nome como categoria gramatical, isso pode ser notado no quadro acima e no decorrer das análises.

No quadro 3.1, podemos também observar verbos presentes na estrutura do composto, nota-se que a categoria gramatical dos compostos é variada, mas ainda há predominância de nomes como classe gramatical. Em relação a 2ª palavra, vemos que aparecem várias classes gramaticais, mas os nomes ainda predominam. Quanto ao significado do composto em relação a cada palavra individualmente vemos que assim como os adjetivos, há semelhança entre a significação.

Percebe-se que os nomes em sua grande maioria, estão ligados a um nome, assim como predomina a categorização gramatical dos substantivos. Esse fato também predomina na maioria dos compostos catalogados que são em grande maioria constituídos da seguinte forma: **palavra composta(N)= 1ª palavra(N) +2ª palavra (N)**. Como exemplos podemos ver no composto **guarda di kurpu** “amuleto, talismã”, item usado geralmente para proteção de pessoas ou coisas, composto por dois nomes.

Como podemos observar acima, mostramos através de quadros alguns compostos encontrados no dicionário. Podemos perceber que na formação dos compostos existe a combinação de várias categorias gramaticais na composição do composto, assim como vimos isso também nos compostos do português do Brasil. Percebe-se também que independente da categoria gramatical da 1ª palavra composta, a 2ª palavra em sua grande maioria é um nome, assim como de todos os compostos catalogados, a maioria dos compostos são formados pela junção de “N+N”, resultando como categorização gramatical do composto um nome, ou seja, N+N=N.

Em algumas palavras, houve semelhança na significação individual das palavras que compõem o composto com o significado do mesmo, para esclarecer essa observação iremos

fazer a análise entre a significação do composto e a significação de cada palavra individualmente na seção a seguir.

3.1 ANÁLISE SEMÂNTICA DOS COMPOSTOS

Nesta seção, a análise se dará numa perspectiva semântica com base em alguns compostos com o intuito de tentar identificar uma possível relação entre as palavras que formam o composto e o seu significado. Em seguida, trataremos as respostas obtidas com o questionário eletrônico aplicado aos estudantes guineenses da Unilab. Analisaremos o papel que a preposição exerce sobre a estrutura do composto e em seu significado em guineense.

Por fim, realizaremos comparações de compostos em uma outra língua crioula, que no caso é o kabuverdianu levantando possíveis semelhanças e divergências.

Nesse sentido através do quadro 3.2, pretendemos mostrar a relação semântica que existe entre os compostos listados e as palavras-base que os compõem. Analisaremos, em seguida, os compostos e seus componentes isolados para se possível tentar estabelecer uma relação entre seus significados.

Quadro 3.2 Lista de compostos e seus componentes em guineense.

COMPOSTO/GLOSA	1º COMPONENTE CATEGORIA GRAMATICAL	2º COMPONENTE CATEGORIA GRAMATICAL
Biku di kaneta (N) “Aparo para escrever”	Biku “Ponta” S.	Di kaneta “De caneta” Prep. + S.
Bilheti di identidade (N) “Documento que permite ao portador provar sua identidade”	Bilheti “Pedaço de papel” S.	Di identidade “Conjunto dos caracteres de uma pessoa que permite a sua identificação” Prep. + S.
Buraku di naris (N) “Narina”	Buraku “Buraco” S.	Di naris “De nariz” / Prep. + S.
Dona kasa (N) “a primeira mulher de um marido polígamo”	Dona “título concedido às senhoras de família” S.	Kasa “casa” S.
Guarda di kurpu (N) “Amuleto; talismã”	Guarda “efeito de guardar” S.	Di kurpu “parte física dos seres animados; organismo humano” Prep. + S.
Mama di bunda (N) “Nádegas”	Mama “órgão glandular característico dos mamíferos” S.	Di bunda “região glútea; as nádegas” Prep. + S.
Manduku di omi (N) “Homenzarrão”	Manduku “pau de extremidade arredondada” S.	Di Omi “homem” Prep. + S.
Abrir-boka (N) “Instrumento da cirúrgico usado para manter a boca aberta”	Abrir “fraquear (abertura ou passagem)” V.	Boka “abertura inicial do tubo digestivo dos animais” S.
Abri-lata (N) “Instrumento que se utiliza para abrir lata”	Abri “abrir” V.	Lata “lata” S.

Bibi di djikindur (V) “embriagar-se severamente”	Bibi “beber” V.	Di djikindur “rato ladrão” S.
Nasenti di sol (N) “Oriente; aquele onde o sol nasce”	Nasenti “que nasce, que começa a ter existência” Adj.	Di sol “(de) sol” Prep. + S.
Omi di kabesa (N) “Pessoa séria que tem um bom senso; inteligente”	Omi “ser humano do sexo masculino” S.	Di kabesa “parte do corpo; chefe; inteligência” /Prep. + S.
Parque di stasionamentu (N) ¹² “Estacionamento dos veículos”	Parki “terreno relativamente extenso, cercado, destinado a recreação” S.	Di stasionamentu “Ato de estacionar” Prep.+ S.
Pedra di fugon (N) “Uma das três pedras que formam o fogão tradicional guineense”	Pedra “matéria mineral solida” S.	Di Fugon “fogão” Prep.+ S.
Rinkadur di dinti (N) “Dentista”	Rinkadur “que ou o que arranca” Adj.	Di dinti “dente” Prep. + S.
Bariga di pe (N) “Parte muscular do lado posterior da perna”	Bariga “barriga” S.	Di pe “extremidade do membro inferior abaixo da articulação do tornozelo” Prep. + S.
Basia di kama (N) “Urinol”	Basia “vasilha geralmente redonda e larga” S.	Kama “cama” Prep. + S.
Basia di laba rosto (N) “Lavatório; bacia de lavar rosto”	Basia “vasilha geralmente redonda e larga” S.	Laba rosto “lavar rosto” Prep.+ V.+ S.
Bidadur di siti (N) “Pessoa que ferve o óleo de palma a fim de mudar a cor”	Bidadur “diz-se de uma pessoa que muda de opinião conforme o vento” S.	Di siti “derivado de azeite” Prep. +S.
Biku di galinha (N) “Apêndice que se encontra no intestino”	Biku “ponta” S.	Di galinha “de galinha” Prep. +S.
Beja da bokinha (V) “Beija abraçar”	Beja “beijar” V.	Da Bokinha “boquinha” Prep. +S.

No primeiro item, temos **biku de kaneta**, trata-se de uma palavra composta que tem como significação “aparo para caneta”. A palavra **biku** significa “ponta” ao passo que **kaneta** é definido como instrumento usado para escrever e tem a ponta referida, logo o composto é hipônimo de **kaneta**, já que faz parte do objeto.

Em **bilheti di identidadi**, tem-se, por definição, a referência a um documento utilizado para a identificação. Podemos dizer que o significado do mencionado composto consegue abranger o sentido de ambas as palavras que o constituem, pois trata-se de um documento feito de papel que identifica características individuais de uma pessoa. Em contrapartida, os componentes isolados, **bilheti** ou **identidade**, não substituem o composto. Em outras palavras, no guineense, se quisermos fazer referência ao documento de identificação pessoal, não podemos usar só a palavras **bilheti** ou só a palavra **identidadi**. **Bilheti** remete a um pedaço de

¹² Esse dado será comentado e analisado na próxima seção.

papel, utilizado para a comunicação rápida entre pessoas, já **identidadi** remete às características, traços individuais que distinguem a pessoa.

No composto **buraku di naris** “narina”, igualmente, há uma relação semântica entre o composto e as palavras que o compõem. O vocábulo **buraku** “buraco” tem sentido contemplado no composto já que significa cavidade, orifício do nariz. **Naris** “nariz” também é contemplado no composto, contudo como um hiperônimo e o composto é, portanto, seu hipônimo.

O composto **dona kasa** significa a primeira mulher de um marido polígamo. A palavra **dona** é um título dado a uma mulher. O item **kasa**, por sua vez, remete à lar, a habitação onde moram pessoas que têm geralmente uma relação de proximidade. No composto, há uma noção de posse, ou seja, dentre todas as mulheres que o marido polígamo tem, a mulher com esse título é a principal. Logo, ela tem mais direitos sobre a casa.

O composto **guarda di kurpu** “amuleto, talismã”, item usado geralmente para proteção de pessoas ou coisas, preserva uma relação de sentido entre seus componentes, já que **guarda** remete à ação de “guardar, proteger algo ou alguém”, assim como **kurpu** ao remeter a “corpo” também se relaciona semanticamente ao composto, uma vez que o amuleto serve para protegê-lo. **Mama di bunda**, por sua vez, tem como significação “nádegas”, palavra **mama** significa “mama, seio”, ainda que tenha um significado distinto do composto, é possível fazer uma relação de sentido com o fato de o formato anatômico de ambos ser parecido. Já a palavra **bunda** tem relação direta de sentido com o composto, pois seu significado está contemplado em parte na definição, sendo um hiperônimo do composto.

Manduku di omi tem como significação “homenzarrão”. No referido composto, há uma relação semântica entre as formas que o compõem. Podemos perceber isso na definição de seus significados. O item **manduku** significa “pau de estrutura arredonda e grossa”, estabelecendo-se, portanto, uma relação semântica figurada devido à estrutura física de alguns homens em especial os que possuem um corpo mais robusto. Já **omi** tem uma relação direta com o composto, uma vez que remete a homem, ao passo que o composto amplia o seu sentido, passando a equivaler a um homem forte e grande, um homenzarrão.

No composto **abri- boka**, o vocábulo **abri** “abrir” refere-se à passagem, abertura, o que o relaciona com a função do composto. Já a palavra **boka**, da mesma forma, possui relação semântica com o composto, já que o instrumento odontológico ao qual o composto se refere é usado na região do trato bucal. O mencionado composto remete a um instrumento usado pelos dentistas para manter a boca do paciente aberta. Em **abri-lata** “abridor de lata”, temos a palavra **abri** que está diretamente relacionada ao composto, no sentido de que, ao utilizarmos esse instrumento, damos acesso ao que está no recipiente que, nesse caso, trata-se de **lata**.

O composto **bibi dijikindur**, por seu turno, significa “embebedar-se à maneira de rato ladrão ou Joaquim doido”. **Bibi** significa “beber”, logo seu significado está contido na definição do composto. Já o segundo componente **djikindur** significa “rato ladrão”, há assim um sentido figurado contemplado no composto, devido à forma como o indivíduo fica ao embriagar-se: tão bêbado ao ingerir determinadas substâncias que, em um estado deplorável, assemelha-se a um rato ladrão. Segundo a tradição, o rato rouba objetos, escondendo em seguida na sua toca. Se houver no seu caminho qualquer bebida alcoólica, o roedor a bebe e, quando fica bêbado, retira da toca tudo quanto tinha subtraído. Assim, de forma análoga, em **bibi dijikindur**, o indivíduo é comparado ao rato que, ao embriagar-se muito, revela-se, expondo os próprios segredos.

Em **nasenti di sol** que, nesse contexto, significa “lugar onde o sol nasce”, a palavra **nasenti** “onde surge algo” e **sol** têm uma relação de sentido com o composto ao ser o lugar onde o sol surge. Ao analisar o composto **nascente di sol**, nos deparamos com a possibilidade que alguns componentes dos compostos têm de funcionarem sozinhos, tal como em alguns compostos em português. Quanto ao composto **segunda-feira**, em alguns contextos, pode-se fazer uso apenas da palavra **segunda**, referindo-se igualmente à segunda-feira. Isso nos remete ao estudo de Monteiro (2002), em que se elencam vários critérios necessários para identificar se é um composto genuíno ou se trata apenas de uma locução. Um desses critérios seria a impossibilidade de se suprimir um dos elementos do composto sem prejuízo semântico (MONTEIRO, 2002). Tal critério nos leva a questionar se poderíamos usar o vocábulo **nasenti** apenas para fazer referência ao lugar onde o sol nasce. Em caso afirmativo, podemos ainda considerá-lo um composto? Por essa razão, foram feitos testes com falantes nativos para sanar a dúvida.

Buscando responder à questão mencionada anteriormente sobre o uso integral do composto ou apenas de um componente, os nativos responderam que se pode fazer o uso apenas de um único elemento, fazendo menção ao lugar onde o sol nasce. Os mesmos relataram que também há outras palavras que são usadas para fazer essa referência. Os termos que são mais usuais, segundo eles, são: **sol sai** “lugar onde nasce o sol”; **sol lanta** “lugar onde o sol se põe” e outros termos que não permitem a tradução direta para o português. As outras formas, mencionadas pelo falante que não permitem a tradução para o português, não seriam formas recorrentes, apenas os mais velhos as usam. Um informante disse não utilizar essas formas, mas lembra que sua avó usava, citou como exemplo a frase “**N’de Ku sol ta sai**” “lugar onde o sol se põe”. Quanto as demais formas mencionadas anteriormente, segundo os falantes, o uso desses termos independe de idade.

Em relação ao uso de acordo com o grau de instrução correlacionado à idade, fez-se necessária a pergunta por que, em relação ao uso de outras palavras compostas, muitos nativos disseram que algumas palavras são mais usadas por pessoas mais jovens, que possuem um grau de instrução mais elevado ou que de alguma forma já sofreram influência do português. Os mesmos utilizam mais a palavra **nascente di sol**.

Outra informação relevante sobre esse termo e que talvez se aplique a outras palavras é que, segundo um dos informantes, quando se faz a tradução para o português, algumas pessoas fazem a tradução direta, logo sofrem uma influência maior do português. Em guineense, falantes podem usar a sentença **nunde ku sol ta nansi** “lugar onde o sol nasce”. Assim, algumas palavras estão classificadas no dicionário guineense como lexia complexa, contudo, em muitas palavras analisadas, apesar de estar com tal classificação, observou-se que não se tratava de um composto, mas propriamente de sentenças. Ademais, como percebemos alguns itens identificados como compostos no dicionário na verdade não se tratavam de compostos genuínos, a exemplo, **abri-udju** (“abrir olho”); **mau tcheru** (“mau cheiro”); **mau gustu** (“mau cheiro”); **dur di kutuvelu** (“dor de cotovelo”); **palabra di ordi** (“palavra de ordem”); mas de itens já existentes no português que foram tomados de empréstimos para o guineense.

O composto **omi di kabesa** significa “pessoa séria” que tem “bom senso”. A palavra **omi** refere-se a “homem”. **Kabesa** “cabeça” remete à parte de superior do corpo, considerada também como a região responsável pelo seu funcionamento. Em português podemos, em alguns contextos, usar o vocábulo *cabeça* em um sentido figurado, relacionando-o à intelectualidade, é possível também remeter a uma pessoa centrada, inteligente.

Rinkadur di dinti é um substantivo usado para referência a “dentista”. **Rinkadur** se refere a “que ou o aquele que arranca”, estabelecendo-se uma relação de sentido com o composto, uma vez que essa é uma das funções do dentista “extrair dentes”. **Dinti** “dente”, por sua vez, é o objeto extraído. O item **bariga di pe** é a parte muscular do lado posterior a perna, equivalente em português a “panturrilha”. Podemos fazer a relação de sentido pela anatomia da panturrilha que possui semelhança com o formato anatômico da barriga que, no dicionário, é definida como “abdômen”. **Pe** é “extremidade do membro inferior” localizada abaixo da articulação do tornozelo. Um aspecto que merece ser citado na análise é que, em guineense, não é feita distinção entre pé e perna, assim o contexto é o responsável pela identificação sobre qual região do corpo, pé ou perna, está sendo feita a referência. Sobre o fato mencionado um falante nativo informou que realmente não é feita essa distinção e que, mesmo entre os mais jovens que utilizam um “crioulo aportuguesado”, ou seja, mais próximo do português, não se faz essa distinção.

Quando se faz menção ao termo “crioulo aportuguesado”, dito por um dos informantes, o mesmo usa esse termo para justificar o contato que alguns guineenses têm com o português, por esse fato acabam falando um crioulo com a presença de palavras do português, diferente do “crioulo fundo” (crioulo sem interferência robusta do português de acordo com os falantes), a exemplo do não uso de artigo feminino. Contudo, os falantes mais novos apresentam esse traço, utilizando palavras do português no crioulo. Para fins de ilustração, em guineense, não se diz irmã, mas **ermon fêmea** “irmã”, contudo, segundo um informante, atualmente tornou-se comum a camada mais jovem fazer o uso da forma de referência feminina **irmã**.

O termo “aportuguesado” é um termo pejorativo que não se enquadrava para o guineense, já que se subentende que a língua é um pouco mais de uma e menos da outra, ou seja, seria uma réplica e não se adequa ao padrão do português. O objetivo de nossa pesquisa é mostrar que o guineense é uma língua e que apesar de possuir uma base lexical portuguesa e traços de outras línguas africanas, possui características próprias, estruturas morfológicas próprias, particularidades e individualidades. Logo, ao afirmar que é um “crioulo aportuguesado”, de uma certa forma, retira-se todo o prestígio da língua, já que esse termo acaba colocando a língua crioula em relação de subalternidade com o português.

Em todas as línguas, palavras são inseridas em seu léxico e passam a fazer parte do vocabulário, apesar de virem tomadas como empréstimos linguísticos, sofrem mudanças e muitas vezes ganham até um novo significado e em momento algum, a língua perde o prestígio, por ter se apropriado de um termo oriundo de outra língua. Tomemos, por exemplo, a palavra “hot dog” que aqui passou a ser cachorro quente. No guineense tem-se a palavra composta **manduku di omi**, que tem como significação “homenzarrão”, possuindo características e significação própria no guineense.

Com relação a invertemos a ordem do composto **bariga di pe**, para o equivalente em português **pé de barriga**, Lee (1997) e Monteiro (2002), em suas análises sobre o que é um composto verdadeiro, defendem a impossibilidade de alteração da ordem dos constituintes e impossibilidade de supressão de um dos elementos que compõe o composto. Logo, podemos constatar que realmente ao trocar a ordem do composto não se mantém a mesma significação: **bariga di pe**, em guineense, tem a referência à panturrilha apenas nessa ordem disposta. O composto **bariga di pe**, seguindo as proposições de Lee (1997) muito possivelmente é um composto lexical, ou seja, um composto verdadeiro. Através da análise dos compostos no dicionário guineense, observa-se também outro composto para denominar o mesmo conceito como **butchu di pe** “músculo posterior da perna”, ou seja, ambos os compostos possuem o mesmo significado, logo temos assim um exemplo de variação lexical.

O composto **basia di kama** “urinol” remete à circunstância em que o objeto é utilizado, posto que se trata de uma bacia colocada próximo à cama. Assim, a relação de significado é construída através de como o objeto é utilizado. Em **basia** “vasilha redonda e larga”, pode-se estabelecer uma relação de sentido com o composto pelo formato, por ser uma vasilha e além de seu sentido compor o significado do composto. Em **kama** “cama”, estabelece-se uma relação semântica final com o composto, pois **basia di kama** é utilizada, em geral, por quem está sobre a cama e não pode ir ao banheiro.

Sobre **basia di laba rosto**, que significa lavatório, podemos dizer também que esse composto faz referência a situação em que é utilizado já que é designado para se referir ao local em que se lava o rosto. No composto, temos **basia**, o utensílio usado para armazenar algo, e temos em **laba rosto** a ação de lavar o rosto. O composto **bidadur di siti** refere-se a “aquele que ferve o azeite”. Enquanto **siti** se relaciona indiretamente ao sentido do composto por se referir a “azeite”, **bidadur** possui significado distinto do composto, já que se define por “pessoa que muda de opinião facilmente”. Em **bidadur di siti**, podemos perceber um exemplo de composto que não é transparente semanticamente. Um dos significados do componente é totalmente distinto ao sentido do composto. Os únicos conceitos que remetem ao composto é a palavra **siti** “azeite”, que é fervido, e o fato de ser um indivíduo a fazer esse trabalho.

O composto **biku di galinha** significa “apêndice que se encontra no intestino”. O vocábulo **biku** “bico” é um hipônimo de uma ave. Ainda que o composto não tenha um sentido semântico direto, é possível estabelecer uma relação pelas semelhanças com o formato anatômico do apêndice intestinal com o bico de uma galinha.

Após a análise, cujo objetivo foi o de estabelecer relações semânticas que pudessem existir entre os compostos e seus componentes, podemos perceber que os compostos analisados, em sua maioria, guardam uma relação de sentido com os itens que os constituem. Na análise de alguns compostos como **biku de galinha** “apêndice que se encontra no intestino”, **bidadur di siti** “aquele que ferve o azeite” e **bibi dijikindur** “embebedar-se à maneira de rato ladrão ou Joaquim doido”, em contrapartida, houve uma dificuldade maior para estabelecer uma relação semântica entre o significado dos compostos e os vocábulos que os constituem. Diferentemente da maioria dos itens analisados em que a construção de sentido é bem evidente, nos compostos supramencionados, não houve uma relação semântica literal, transparente, mas de analogia ou metáfora.

Podemos observar, por exemplo, **brasa di fugu** que é um composto nominal que, segundo o dicionário, significa “lenha incandescente; tição”, em que **brasa** significa “carvão

ou lenha incandescente”, e **fugu** “desprendimento de calor e luz produzida pela combustão de um corpo”, pode-se notar assim uma relação semântica entre as palavras

Percebe-se também que o dicionário guineense (SCANTAMBURLO, 2001) não estabelece uma definição precisa do que seja um composto. De todo modo, as análises aqui empreendidas apontam para o fato de que a língua não pode ser entendida como reflexo do português como alguns estudiosos a definem, simplesmente pelo fato de sua base lexical ser portuguesa. Outros afirmam também que línguas crioulas são línguas morfologicamente mais simples e, por isso, não possuem morfologia própria se apropriando assim dos processos morfológicos das suas línguas lexificadoras. Em contrapartida, podemos ver em estudos como o presente evidências de processos de formações de palavras numa língua crioula.

Dando prosseguimento à análise, buscou-se observar também as classes gramaticais dos itens que formam o composto, cujo resultado final é sempre um verbo ou um substantivo. Dos 21 compostos que foram analisados semanticamente, apenas dois deles tiveram como resultante um verbo, a exemplo **Beja da bokinha (V)** “Beija abraçar” e **Bibi dijikindur**, por seu turno, significa “embebedar-se à maneira de rato ladrão ou Joaquim doido”, os demais tiveram como resultante um composto que pertence à classe gramatical dos substantivos como podemos notar no Quadro 3.3

Quadro 3.3: Lista de compostos em guineense mostrando a prevalência do substantivo como categoria gramatical.

COMPOSTO / GLOSA	CLASSES DE PALAVRAS (1ª e 2ª palavra)	
Nasenti di sol(N) “lugar onde nasce o sol”	Adj.	S.
Omi di kabesa(N) “Pessoa séria que tem um bom senso; inteligente”	S.	S.
Parque di stasionamentu(N) “estacionamentos dos veículos”	S.	S.
Pedra di fugon (N) “Uma das três pedras que formam o fogão tradicional guineense”	S.	S.
Rinkadur di dinti (N.) “Dentista”	Adj.	S.
Bariga di pe(N.) “Parte muscular do lado posterior da perna”.	S.	S.
Basia di kama(N) “Urinol”	S.	S.
Basia di laba rosto(N) “Lavatório; bacia de lavar rosto”	S.	V.+ S.
Bidadur di siti(N) “Pessoa que ferve o óleo de palma afim de mudar a cor”	S.	S.
Bikur di galinha(N) “Apêndice que se encontra no intestino”	S.	S.
Manduku di omi(N) “homenzarrão”	S.	S.
Guarda di kurpu (N) “Amuleto; talismã”	S.	S.
Mama di bunda(N) “Nádegas”	S.	S.
Buraku di naris (N) “Narina; naricula”	S.	S.
Dona kasa(N) “Primeira mulher de um homem polígamo”	S.	S.

Biku di kaneta (N) “Aparo para escrever”	S.	S.
Bilheti di identidadi(N) “Documento que permite ao portador provar quem é”	S.	S.

O padrão de compostos, em guineense, parece apontar para categoria dos nomes, pois se repete em quase todos os itens analisados do dicionário, com exceção de um item. O caso excepcional foi **oranu pasadu**, que está classificado no dicionário também como locução adverbial de tempo que significa “há três anos, nos últimos anos”.

Nos compostos listados a seguir, no Quadro 3.4, demonstra-se a presença de verbos nos constituintes dos compostos ainda que o resultado final não seja necessariamente um composto verbal.

Quadro 3.4: Lista de compostos guineense que possuem verbos na composição do composto.

Composto/ Glosa	Classe das palavras	
Beja da bokinha (V.) “Beija, abraçar”	V.	S.
Abrir –boka (N) “Instrumento da cirúrgico usado para manter a boca aberta”	V.	S.
Abri-lata (N) “Instrumento que se utiliza para abrir lata”	V.	S.
Bibi di djikindur (V) “embebedar-se severamente”	V.	S.

Como se pôde observar no Quadro 3.4, com exceção de **beja da bokinha** “beijar, abraçar” e **bibi di djikindur** “embebedar-se severamente”, os compostos listados pertencem à categoria nome, não verbal. Além dos compostos listados, há compostos que fizeram parte da análise que possuem em sua formação vocábulos de outras classes gramaticais como no Quadro 3.5:

Quadro 3.5: Compostos em Guineense em que ocorre a presença de outras categorias gramaticais.

Composto	Classe das palavras	
Rinkadur di dinti (N) “Dentista”	Adj.	S.
Nasenti di sol (N) “onde nasce o sol”	Adj.	S.

No tocante aos mecanismos de formação da composição no guineense, vemos que, em sua grande maioria, os compostos parecem estar ligados através do processo de justaposição, processo esse em que as palavras são justapostas sem que ocorra perda segmental e gráfica. Assim, a partir da análise dos compostos encontrados no dicionário do guineense, podemos perceber também que são, em sua maioria, compostos nominais morfossintáticos. Em outras palavras, o processo de formação do composto se dá pela associação de duas ou mais palavras

nominais através de um processo morfossintático de subordinação entre as mesmas. Assim, é criado um vocábulo composto nominal através da junção de dois nomes, em que não deixa de existir uma relação semântica entres os vocábulos que serviram de base.

No decorrer da análise, nos deparamos com o composto **karnadura** (**karna** (N) “carne” / **dura** (V) “resistir; persistir”), cujo significado remete à “carne; músculo; carne dura”. Assim, **karnadura** parece ter sido formado pelo processo de aglutinação, em que as palavras envolvidas na formação do composto estão unidas subordinando-se uma a outra, observando-se perdas nos itens lexicais que foram ligados.

Fazendo um apanhado geral dos compostos que foram catalogados do dicionário guineense (SCANTAMBURLO, 2001) e suas categorias gramaticais, podemos chegar a algumas conclusões apresentadas a seguir. Em primeiro lugar, trataremos da classe gramatical do primeiro componente que forma o composto, mostraremos, através de um quadro, os compostos e sua categoria gramatical e sua incidência na coleta. Para esse quadro, iremos considerar apenas “Verbos” (V) e “Não verbos” (N.V). Assim chamaremos de nome todos os compostos que são constituídos de outra categoria gramatical diferente de verbo.

Tabela 3.1: Categoria gramatical e Quantidade de compostos - primeiro componente.

Categoria Gramatical	Quantidade de compostos/ Exemplo	
N.V.+V	18	Fodja di tcera “folha de tabaco tratada para mascar”
N.V.+N.V	05	Parti di tras “posterior, nas traseiras”
N.V.+N.V	234	Arca di Noe “casa construída na forma de barco pelo patriarca da Bíblia, Noé”
N.V.+ N.V	05	Rinkadur di dinti “dentista”
N.V.+ V	01	Anti di sol-mansi “período antes do amanhecer”
N.V + N.V.	01	Dispus di ermon di amanha “três dias a partir de hoje”
N.V + N.V	01	Mal di volta “ataque epilético; epilepsia”
V.+ N.V	05	Abri-boka “instrumento da cirúrgico usado para manter a boca aberta”
N.V+ N.V	01	Andar di bas “andar de baixo”
V.+ N.V.	01	Alta 1 “eufemismo usado para indicar o ato de defecar ao ar livre, ir ao mato; eufemismo para indicar a ação de defecar ao ar livre.”

Assim sendo, das 316 palavras indicadas no dicionário como compostos 266 têm um nome como primeiro elemento que compõe o composto, como em como em **mal di volta** “ataque epilético”. Desse total apenas dezoito (25) itens têm um verbo em sua constituição

como podemos perceber como, por exemplo, em **feru di fundia** “âncora”, S. + V. e **beja da bokinha** “beijar abraçar”.

Após feita uma breve análise dos compostos em guineense, podemos concluir que, no processo de composição, nota-se uma semelhança de sentido, em geral, entre os constituintes isoladamente e as palavras compostas. Ou seja, houve uma prognosticabilidade¹³ de sentido entre os elementos que constituem o composto. Em outras palavras, através do significado dos vocábulos envolvidos na formação do composto, pôde-se ter uma ideia do sentido do composto, ainda que o composto tenha sido criado para nomear um evento ou ocorrência que antes não possuía referência no léxico.

No dicionário, os compostos em guineense foram denominados como *lexias compostas* e *lexias complexas*. No português, as *lexias compostas* são ligadas por hífen, ao contrário destas as *lexias designadas complexas* não apresentam hífen. De acordo com Mattoso (1970, p. 61), não há distinção entre as noções mencionadas, isto é, a utilização ou o não emprego de hífen não interfere na possibilidade de palavra ser considerada composta. No dicionário do guineense, em todos os compostos denominados *lexias compostas*, notamos a presença do hífen, mas parece não haver distinção alguma entre estes e os outros classificados como *lexia complexas*.

3.2. QUESTIONÁRIO ELETRÔNICO

Um dos objetivos da pesquisa era fazer uma análise sobre o comportamento dos compostos em guineense, comparando-os com análises empreendidas pelos estudos de Lee (1997) e Monteiro (2002). Com o intuito de esclarecer algumas dúvidas sobre os compostos e utilizando a ferramenta do google denominada *google forms*, produzimos um questionário virtual e aplicamos junto a falantes nativos.

Para a elaboração das perguntas que iriam compor o questionário, contamos com a ajuda de um estudante também do curso de Letras da Unilab. O nosso intuito com a aplicação do questionário era entender se os falantes do kryol, ao lerem as questões propostas, iriam fazer a interpretação semelhantes as descritas por Lee e Monteiro, sobre o comportamento de uma palavra composta em uma frase.

¹³ “Desse modo, não convém afastar a hipótese de que os sentidos de parte dos vocábulos compostos são prognosticáveis com base no sentido de seus constituintes. No caso de existirem vocábulos compostos de sentido composicional, temos de investigar se os sentidos dos constituintes imediatos desses vocábulos estão relacionados com os das correspondentes formas livres ou correspondentes formas existentes em outros contextos. E a hipótese pode estender-se também a vocábulos, cujos sentidos são imprognosticáveis com base nos sentidos dos seus constituintes imediatos” (BESSA, 1986, p. 31).

A análise partiu das proposições de Lee (1996) e Monteiro(2002) posto que os mesmos elencam vários critérios responsáveis por determinar se se trata de um composto realmente ou apenas um locução, estabelecendo-se assim a distinção entre compostos lexicais e pós-lexicais. Seguiram-se os critérios propostos por Monteiro (2002) (1º Ordem fixa dos elementos do composto/2º aspecto - impossibilidade de intercalação / 3º aspecto -impossibilidade de reduzir-se a um só dos componentes), assim como as proposições de Lee (1997), para quem compostos podem exibir as seguintes peculiaridades: (a) permite a formação de diminutivo através do acréscimo de sufixo entre os constituintes (Ex: *guarda-noturno* - *guardinha -noturno*); (b) podem flexionar mais de uma vez (Ex: *homem-rã* – *homens –rãs*). No apêndice A, é possível observar o formulário utilizado.

Assim sendo, enviamos esse questionário eletronicamente para 14 estudantes da Unilab que se dispuseram a ajudar. As respostas dos estudantes ao questionário, foram enviadas para o e-mail de quem criou o formulário. O *google forms*, permite a quem criou o formulários ter acesso as respostas e assim observar os resultados.

Após a aplicação do questionário, pode-se chegar à suposição de que, de maneira análoga ao português, em guineense, também se aplicam as proposições de compostos falsos e verdadeiros de maneira que a compreensão dos itens em algum momento não foi alcançada pelos falantes.

Como mencionado na seção 3.1, aqui esclarecemos com mais detalhes outras análises que foram feitas também com o auxílio dos estudantes da Unilab, sobre o uso das palavras compostos **parque di stacionamentu e brasa di fugu**, ambas requereram uma análise mais aprofundada. Salienta-se, que o intuito dessa análise é saber se semelhante ao que ocorre no português na conversação, pode-se fazer uso apenas de uma das palavras responsável pela formação do composto ou deve-se fazer uso em sua totalidade.

Assim sendo, em **parque di stacionamentu** é o “local onde se estacionam carros”. Na palavra **parque** que é “terreno grande utilizado para recreação”, pode-se estabelecer uma relação de extensão e dimensão de sentido que os parques e estacionamentos possuem. A palavra **stacionamentu** é o ato de “estacionar, deter, parar”. Em português, se quisermos nos referir ao local indicado para estacionar o carro, usamos apenas a palavra *estacionamento*. No entanto, será que o mesmo ocorreria em guineense? Uma única palavra, **stacionamentu** “estacionamento”, pode fazer referência ao local destinado a estacionar carros? Desse modo, buscou-se investigar acerca do uso de um dos componentes do referido composto. Fizemos então testes para averiguar se os nativos iriam entender **stacionamentu** isoladamente como o “local onde se estacionam carros”. O informante A alegou que se utilizarmos apenas a palavra

stasionamentu “estacionamento”, o item poderia ser entendido como local onde se estaciona carro, porém não seria muito comum, pois há outras formas de designar o referido local mais usuais. Além disso, **stasionamentu** seria entendido apenas por pessoas que possuem certo conhecimento, ou seja, os mais instruídos. Ainda segundo o informante A, muitos guineenses só iriam entender a referência ao local onde se estaciona carro se usarmos a expressão **garagem de carro**, para então, em seguida, associar ao estacionamento. O informante B afirmou que o termo **parque de stacionamentu** é proveniente do português. No caso do guineense, usa-se a palavra **kau di para karu** para se referir ao parque de estacionamento. Já o informante C respondeu que não é possível usar as palavras isoladamente e manter o significado do composto, pois assim estamos nos referindo à significação de outra palavra. Segundo o informante, deve-se usar **parque di stasionamentu** ou **parque de karu**, pois, segundo o informante, ambas as palavras foram tomadas de empréstimo da língua portuguesa e foi feita uma adaptação para o guineense. Contudo, ambas não são da língua crioula e que o “certo mesmo” é o composto **kau di para karu**. Segundo o estudante C, o mencionado composto é o adequado para designar o local onde se estaciona carro. O informante afirma que as outras palavras compostas são reflexos das mudanças e empréstimos para a língua nativa, usada principalmente pelos mais jovens.

Feitas as perguntas sobre o uso do composto guineense **parque di stasionamentu**, podemos chegar à hipótese de que provavelmente esse composto não faz parte do grupo de compostos verdadeiros, mas sim dos pseudocompostos de acordo as proposições estabelecidas por Lee (1997). De acordo com o autor, os pseudocompostos permitem operações morfológicas entre seus constituintes, dentre esses processos, há o uso isolado de uma das palavras atuando em alguns contextos. Logo podemos concluir que pode não ser tão imprescindível assim o uso do referido item de forma integral, já que há a possibilidade de se usar apenas um dos seus componentes. Contudo, análises mais aprofundadas devem ser feitas para que essa afirmação seja tida como absoluta. Além disso, é necessário se ter em conta que existem outras palavras que, segundo os falantes, são mais usuais do que o composto mencionado.

Em **brasa di fugu** “lenha incandescente; tição”, instaurou-se uma dúvida se é realmente um composto, uma vez que uma única palavra, no caso, **brasa** pode estabelecer a referência de todo o composto. Feita essa pergunta a falantes de guineense, os mesmos disseram que é necessário utilizar a palavra composta **brasa de fugu** para que o interlocutor possa compreender. Ventila-se, portanto, a possibilidade de que se trata de um composto lexical ou verdadeiro.

Feitas as análises, ampliando nosso estudo, traremos a seguir o papel da preposição observado na estrutura dos compostos em guineense.

3.3 PAPEL DA PREPOSIÇÃO NA ESTRUTURA DO COMPOSTO

Os compostos analisados foram submetidos à comparação com os compostos do português brasileiro (PB). Durante o trabalho, ao fazermos o levantamento dos compostos, utilizando o dicionário Guineense-Português (SCANTAMBURLO 2001), verificou-se a presença de várias categorias gramaticais nos compostos em guineense. Pôde-se perceber semelhança de significação entre os vocábulos que dão formação ao composto e o significado do composto em si. Várias questões surgiram quando se tentou encontrar pontos em comum, entre compostos em guineense e no PB, mas uma em especial merecia um estudo mais específico buscando responder ao seguinte questionamento: qual o papel exercido pelas preposições nas palavras compostas? Se fizermos a supressão desse termo, irá fazer alguma diferença no entendimento do composto? O composto continuará exercendo o mesmo papel semântico e funcional? Para responder ao questionamento, resolvemos fazer testes.

Evanildo Bechara, na *Moderna Gramática Portuguesa* (2009, p. 366), define as preposições como vocábulos usados para marcar as relações gramaticais que substantivos, adjetivos, verbos e advérbios apresentam no discurso em português. É uma classe gramatical constituída de formas dependentes que não funcionam isoladas na oração, apenas ligam e estabelecem relação entre termos. Dando prosseguimento, na mesma linha de pensamento, Basílio (2011, p.14) diz que “do ponto de vista fonológico as preposições são clíticos¹⁴, na hora da identificação do que é uma palavra, os clíticos impõem dificuldade para estabelecer essa definição, já que fazem parte do vocábulo fonológico, mas não da palavra morfológica”. Quer dizer, sabemos que os elementos que formam uma palavra são rigidamente ligados, ou seja, possuem total dependência entre si, não admitindo intercalar, modificar ou suprimir elementos em sua estrutura e, como já foi dito, isso se aplica também aos compostos. Em sua definição, o composto exerce a função de uma única palavra. Segundo Basílio, os clíticos permitem a inserção de elementos, ao se tratar dos compostos em guineense, com os quais já foram feitos testes, observou-se que os mesmos não admitem essa possibilidade.

¹⁴ Segundo Basílio (2011, p.14), *clíticos* são unidades que se agregam fonologicamente a uma palavra, contudo não fazem parte da mesma sob o ponto de vista morfológico. No PB, podemos observar tais características nos artigos e em vários pronomes pessoais.

Na sequência, em concordância com Basílio (2011, p.14), vimos alguns exemplos de locuções que possuem valores adverbiais: *a pé, de manhã, de repente, de lado, em cima* etc. Embora tradicionalmente chamadas de locuções, as mesmas apresentam unificação morfológica e não permitem elementos interpostos ou mudança de posição. Como exemplo, a autora traz: **de alguma manhã, *a todo pé, *a pé esquerdo*, percebe-se que não há essa possibilidade nos itens supracitados. Logo, seguindo esses parâmetros, podemos perceber que locuções e compostos possuem similaridade morfológicas, pois, em ambos, não há possibilidade de inserção de elementos entre seus constituintes, sem os mesmos perderem seu valor semântico. Diante disso, seria então o composto uma espécie de locução? Ou ainda, portando essa característica em comum, seriam diferentes?

Trazendo mais uma questão à discussão sobre a preposição e a questão da mesma ser uma classe gramatical dependente, Basílio (2011, p. 15) traz a ideia de Câmara Jr, sobre as formas dependentes. Câmara Jr. utilizou a definição feita por um outro linguista chamado Bloomfield¹⁵ e acrescentou a ideia de forma dependente “[...] aquela que depende de outra para ocorrer, mas não está concretamente soldada à forma da qual depende. De acordo com esse conceito, preposições, conjunções, artigos e pronomes clíticos [...] cumprem esse papel” (BASÍLIO, 2011, p. 15).

Como podemos ver segundo Câmara Jr., as preposições constituem as formas dependentes, ou seja, relacionam as palavras e sozinhas não configuram um enunciado completo, dotado de sentido. Logo, segundo esses critérios, as preposições permitem a intercalação de elementos linguístico, na estrutura em que se inserem. Constata-se aqui, mais uma vez, a ideia de que as preposições permitem intercalar elementos, contudo, se as preposições fazem parte da estrutura do composto, isso não ocorre, pois fazem parte do arcabouço morfológico da palavra, integrando, portanto, a composição estrutural da palavra. Contudo, se fizermos a supressão da preposição? Será que faria alguma diferença para a constituição do composto? Lembrando que, ao fazermos a supressão de algum termo, também estamos mexendo na estrutura da palavra composta, podendo causar alguma perda semântica. A seguir, traremos um quadro com compostos em guineense que possuem preposições em sua composição. Em seguida, escolheremos alguns desses compostos e faremos a supressão da

¹⁵ O conceito de formas livres foi difundido por Blommfield (1887-1949), segundo o qual, as formas livres e dependentes coincidem com os vocábulos. A forma livre se identifica com o que se chama palavra lexical (principalmente substantivos), já a forma dependente se trata de palavra funcional ou gramatical (sobretudo preposições e conjunções).

preposição, observando assim quais são as perdas que o composto sofrerá com a retirada e se o mesmo ainda será classificado como palavra composta.

Quadro 3.6 -Lista de Composto e Glosa.

COMPOSTO	GLOSA
Biku di kaneta (N)	‘Aparo para escrever’
Bilheti di identidade (N)	‘Documento que permite ao portador provar sua identidade’
Buraku di naris(N)	‘Narina’
Guarda di kurpu (N)	‘Amuleto; talismã’
Mama di bunda(N)	‘Nádegas’
Manduku di omi (N)	‘Homenzarrão’
Bibi di djikindur (V)	‘Embebedar-se à maneira de rato ladrão ou Joaquim doido’
Nasenti di sol(N)	‘Oriente; aquele onde o sol nasce’
Omi di kabesa(N)	‘Pessoa séria que tem um bom senso; inteligente’
Parque di stacionamentu(N)	‘Estacionamento dos veículos’
Rinkadur di dinti (N)	‘Dentista’
Bariga di pe (N)	‘Parte muscular do lado posterior da perna’
Basia di kama (N)	‘Urinol’
Pedra di fugon (N)	‘Uma das três pedras que formam o fogão tradicional guineense’

Tentando identificar a necessidade ou não da preposição em um composto em guineense, analisamos a relação que é estabelecida pelo uso de uma preposição, relação essa que é denominada, subordinante ou antecedente (termo que vem antes da preposição), subordinado ou conseqüente (termo que vem após a preposição). Segundo Bechara (2009, p. 387), “o subordinante pode ser substantivo, adjetivo, pronome, verbo, advérbio ou interjeição” e o “subordinado é constituído por substantivos, adjetivo, verbo (no infinitivo ou gerúndio) ou advérbio”. Analisamos também os compostos em guineense, utilizando um critério proposto para compostos em inglês por Líber e Stekauer (2011). No mencionado estudo, estabelecem-se vários critérios que possivelmente caracterizam e diferenciam um composto de uma locução ou de uma frase, tal critério é nomeado como “cabeça à direita”. De acordo com Giegerich (2004 *apud* LÍBER E STEKAUER, 2011), as construções, em que encontramos a estrutura **N+N** (estrutura encontrada na formação da maioria dos compostos em guineense), são na verdade frases e não compostos, por darem ênfase ao constituinte ao lado direito. Em relação a posição da palavra no composto, quando se diz que há uma ênfase maior no constituinte ao lado direito, o autor quer dizer que o constituinte que está localizado ao lado direito da formação modifica o que está ao lado esquerdo.

Fazendo uma relação com o que foi dito por Giegerich (2004 *apud* LÍBER E STEKAUER, 2011, p. 09), quando mencionamos os termos subordinante e subordinado, trouxemos a mesma relação de dependência que há entre os termos constituintes do composto. O termo que está à direita, denominado subordinado, junta-se ao termo à esquerda para completá-lo ou alterá-lo.

Como foi mencionado, a maioria das construções encontrados nos compostos em guineense foram do tipo N+N. Um exemplo destes compostos que apresentam essa estrutura é **biku de kaneta**, que possui como significação ‘aparo para caneta’, em que **kaneta**, seguindo as proposições trazidas por Giegerich, é o termo subordinado, que se junta a palavra **biku** para completá-lo e especificar, ou seja, o leitor pode se perguntar a que **biku** estamos nos referindo? Já que a depender do contexto a palavra **biku** pode assumir outra significação, contudo aqui está fazendo referência ao **biku** da **kaneta** “caneta”. Logo, vemos que o termo à direita desempenha o papel de complemento do termo que está à esquerda.

Na nossa pesquisa uma das análises que foram feitas foi a semântica. Como vimos, há na palavra composta uma relação harmônica, ou seja como o composto funciona como palavra única, se se tratar de composto verdadeiro, todos os processos morfológicos possíveis em uma palavra simples poderão ocorrerem uma composta. Logo, se há essa harmonia no composto, a preposição que constitui e está presente nos compostos em guineense, também responsável por ligar os itens lexicais estabelecendo uma relação de sentido e significação.

Em relação à preposição nos compostos, podemos observar nos exemplos: **bilheti di identidade** ‘referência a um documento utilizado para a identificação’, **buraku di naris** ‘narina’, **guarda di kurpu** ‘amuleto, talismã’, **Mama di bunda** ‘nádegas’; **Manduku di omi** ‘homenzarrão’, que há uma relação de subordinação entre as palavras envolvidas. Nos mencionados itens, o que está depois da preposição exerce um papel de relevância. Essas relações se evidenciam quando determinamos relações semânticas entre os constituintes. Ou seja, cada elemento do composto só é o que é, por causa dos itens o compõem. Com isso, nos compostos em guineense, podemos perceber que não é possível interferir na presença da preposição (intercalando ou suprimindo), pois, se fizermos a supressão dessa preposição que liga os termos, seu sentido será totalmente alterado.

Verificou-se, nos exemplos trazidos para a análise (**bilheti di identidade; buraku di naris; guarda di kurpu; mama di bunda; manduku di omi**) que há uma relação de subordinação nos compostos.

Na próxima seção, iremos observar as possíveis relações que existem entre compostos em kabuverdianu e em guineense.

3.4 COMPOSTOS EM GUINEENSE E EM KABUVERDIANU

Na presente seção, será analisado o comportamento dos compostos em kabuverdianu a partir de itens levantados do “Dicionário do Crioulo de Santiago (Cabo Verde), elaborado por Martina Brüser e André dos Reis Santos, tentando estabelecer algum tipo de relação estrutural com os compostos em guineense.

A primeira etapa a ser feita foi o levantamento dos compostos. Utilizamos mais uma vez o Excel como ferramenta de apoio no armazenamento dos compostos. Igualmente como foi feito com os compostos em guineense, criou-se uma planilha e foram nomeados os campos como: *palavra composta*; *significado da palavra composta*; *radicais /composto*; *primeira palavra e significado*; *classe gramatical da primeira palavra*; *segunda palavra e significado*; *classe gramatical da segunda palavra*. Dessa forma, coletaram-se vinte e dois compostos como se pode ver a seguir:

Quadro 3.7- Lista de compostos e seus componentes em kabuverdianu.

COMPOSTO/GLOSA		RADICAIS COMPOSTO	1º componente Categoria			2º componente Categoria	
ÁNDA-RÓDA(S.)	“Tontura, vertigem”	ÁNDA + RÓDA	ÁNDA “passos”	“Dar	V.	RODA “fazer mover, fazer girar”	V.
BOLONBOLU (S.)	“Variedade de abóbora pequena”	BOLON + BOLU	BOLON “Balão”		S.	BOLU “1. Bolo, 2. Pedra pequena que serve tapar buracos numa parede de alvenaria”	S.
DIDÁDU (ADV.)	“Grátis”	DI + DÁDU	DI “Prep. com empregos espaciais, temporais gramaticais e outros, var. antes de vogal”	com	Pre p.	DÁDU “dado (de jogar)”	S.
DIRIBA(ADV.)	“Acima, em/para cima”	DI + RIBA	DI “Prep. com empregos espaciais, temporais, gramaticais e outros, var. antes de vogal”	com	Pre p.	RIBA “sobre, por/em/para cima, acima de”	Pre p.

DJONBIKU(S.)	“Recipient e com bico feito a partir de uma cabaça”	DJON + BIKU	DJON “É usado em várias palavras, não aparece sozinho, fica difícil saber”		BIKU “Bico (de uma ave), 2-bico (de um recipiente)”	S.
FRA-PÓ(S.)	“Bicho da madeira”	FRA + PÓ	FRA “Furar(-se), perfurar(-se), esburacar, rebentar”	V.	PÓ “Pó, poeira”	S.
FURIAMÁR (ADJ.)	“Muito furioso, fora de si”	FURIA + MÁR	FURIA. “Fúria, raiva, 2. Motivação/desejo forte, grande vontade”	S.	MÁR “Mar”	S.
DIRIBA(ADV.)	“Acima, em/para cima”	DI + RIBA	DI “Prep. com empregos espaciais, temporais, gramaticais e outros, var. antes de vogal”	Pre p.	RIBA “sobre, por/em/para cima, acima de”	Pre p.
GUÁRDA-KUMIDA (S.)	“Armário em que se guardam alimentos, despensa”	GUÁRDA + KUMIDA	GUÁRDA “Guardar”	V.	KUMIDA. “Comida”	S.
KABALI (ADJ.)	“Que não presta, inútil”	KA + BALE).	KA “Facultativa antes de palavra começada com a-ou o”	Ad v.	BALE “Prestar, servir, ser útil, render, valer”	V.
KÁNBA-PÉ(S.)	“Passar uma rasteira (a alguém)”	KÁNBA + PÉ.	KÁNBA “Entrar, penetrar, sin. entra, 2. desaparecer por detrás de alguma coisa 3. caber, servir”	V.	PÉ	S.
KANPRÉSTA (S.)	“Mulher desavergonhada”	KA + (N)PRESTA)	KA “Facultativa antes de palavra começada com a-ou o”	Ad v.	NPRESTA “Proporcionar, valer, tributar, conceder, dar, dedicar, aproveitar, atender”	
KAOXI(ADV.)	“(Desde) há muito tempo”	KA (+ DI) + OXI).	KA(+DI) “facultativa antes de palavra começada com a-ou o” (Partícula de negação)	Ad v.	OXI “(no dia de) hoje, 2. hoje (em dia)”	Ad v.

KEBRA-KABÉSA(S.)	“Ser um quebra-cabeças, ser motivo de grande preocupação”	KEBRA + KABÉSA	KEBRA “Partir-se, parti, 2. estragar, partir, quebrar, rachar, sin, parti”	V.	KABÉSA “Cabeça (parte do corpo), 2. cabeça (unidade de contagem para certos legumes), 3. (quando serve para expressar a reflexividade:) se, si (próprio)”	S.
KEBRA-NDJUDJUN(S)	“Pequeno-almoço”	KEBRA + NDJUDJUN	KEBRA “Partir-se, sin. parti, 2. estragar, partir, quebrar, rachar, sin. Parti”	V.	NDJUDJUN “Em jejum”	Adj.

Feita a disposição dos compostos no quadro, apresentaremos considerações gerais, para só então começarmos de fato as comparações. Vale tecer impressões em relação à disposição dos compostos e suas respectivas glosas. Logo de início, percebe-se que a maneira como os compostos estão dispostos no dicionário facilita a busca pelos mesmos. De forma análoga, percebe-se que as glosas são informativas, pois não só oferecem informações referentes a significação primária, mas indicam outras opções de significado, o que facilita o trabalho do pesquisador, caso haja necessidade de observar tais compostos em contextos semânticos diferentes. Por conseguinte, facilitam o estabelecimento, se houver a possibilidade, de relações semânticas entre os significados das palavras individuais e significação do composto.

Com o fim de fazer um breve panorama do tema proposto, iremos tratar dos processos de formação de palavra que existem, focando principalmente em dois processos: derivação e composição e também sobre palavras primitivas e palavras derivadas, com a finalidade de já começar a elencar as diferenças entre compostos em kabuverdianu e em guineense. Diferentemente do guineense em que tivemos a predominância de compostos formados pelo processo de justaposição, notou-se que, em kabuverdianu, aparentemente, a maioria dos 15 compostos selecionados, dentre os 50 que existem no dicionário, para compor a análise, parecem apontar para o processo de aglutinação, em que as palavras envolvidas na formação do composto estão unidas subordinando-se uma a outra e observam-se perdas segmentais nas palavras que foram ligadas. Durante a catalogação dos compostos em guineense, encontramos apenas um composto que parece ter sido formado por esse processo, que foi o composto

karnadura “carne; músculo; carne dura”. Quanto ao processo de aglutinação nos compostos em kabuverdianu, há alguns exemplos como **kaoxi (adv.)** “(desde) há muito tempo” é formado por **ka (+ di) + oxi** em que temos **ka** “partícula de negação” e a palavra **oxi**, que significa “no dia de hoje, hoje (em dia)”.

Notamos que alguns compostos, apesar de estarem classificados como resultados de composição, parecem ter sido formados pelo processo de derivação afixal. Assim, na afixação, novas palavras são formadas a partir da adição de um afixo, transformando o radical de uma palavra ou uma palavra já existente em outro termo, como podemos notar em: **didádu** “grátis” (segundo o dicionário é composto formado por **di + dádu**) e **diriba** “acima, em/para cima” (“segundo o dicionário seria um composto constituído da união de **di** e **riba**). No caso de **didádu (adv.)** “grátis”, dos seus constituintes, **di** é uma preposição, **dádu** “dado (de jogar)”. Em **diriba (adv.)**, que significa “acima”, **di** é uma preposição com empregos espaciais, temporais, gramaticais e outros” e **riba** remete a “sobre, por/ em/para cima, acima de”.

Os compostos em kabuverdianu apresentam na grafia, em sua grande maioria, a presença de hífen, ligando as palavras envolvidas na formação. Tal característica não é percebida com tanta frequência quando tratamos da formação de compostos em guineense. Na referida língua, em sua grande maioria, não há a presença do hífen a exemplo de: **Manduku di omi (N)** ‘Homenzarrão’.

Uma diferença da disposição dos compostos, de grande relevância, foi a indicação em todos os compostos dos radicais que deram origem ao composto, a exemplo temos: **furiamár** “muito furioso, fora de si” (segundo o dicionário, o composto é a união de **furia** “fúria, raiva, motivação/desejo forte, grande vontade” e **már** “mar”). Na coleta dos compostos em guineense, não foi encontrada tal indicação no dicionário.

Semelhante ao que ocorreu com o guineense, alguns itens que estavam classificados como palavra composta, na verdade, são palavras que foram tomadas de empréstimo do português para o kabuverdianu como, por exemplo, **guárda-sól** “guarda-sol” e **guárda-txuba** “guarda-chuva”. É importante salientar que nosso intuito foi analisar compostos genuínos, logo nosso objeto de análise são itens, frutos de processos composicionais, próprios da língua, não tomados de empréstimo.

Assim como no guineense, a relação semântica entre o composto e seus constituintes foi transparente em alguns itens, em outros, observou-se uma relação de sentido mais opaco. Na palavra **ánda-róda**, “tontura, vertigem”, há uma relação de significação entre os elementos, pois tanto **ánda (v.)** como **roda(v.)** fazem analogia aos movimentos que podem levar a um atordoamento. Em **bolonbolu (s.)** “variedade de abóbora pequena”, pode-se conjecturar que,

em **bolon(s.)** “balão”, essa relação se faz pela forma arredondadas de ambos. No caso de **bolu (s.)** “1. bolo, 2. pedra pequena que serve tapar buracos numa parede de alvenaria”, uma relação semântica não parece evidente.

Em outros compostos, como **fra-pó (s.)**, “bicho da madeira”, em que **fra (v.)** remete a “furar(-se), perfurar(-se), esburacar, rebentar”, podemos tentar relacionar através da ação que o bicho faz de perfurar a madeira, em kabuverdianu, **pó** “tronco de árvore cortada, madeira”. No composto **furiamár (adj.)** “muito furioso, fora de si”, o significado do composto apresenta uma relação de sentido metafórico, remetendo a um mar furioso, revoltado (**furia** “fúria, raiva” e **már** “mar”). Outro composto que apresenta transparência semântica é **guárda-kumida (s.)** “armário em que se guardam alimentos, despensa”. Assim, há uma relação com o ato de guardar, envolver para conservar, preservar algo ou alguém (**guárda (v.)** “guardar”) e **kumida** “comida”, o que está sendo guardado, protegido.

Um fato que merece ser mencionado aqui é em relação a palavra composta **kanprésta (s.)** “mulher desavergonhada”, em que observamos o acréscimo da partícula de negação **ka** antecedendo a **presta** “proporcionar, valer, atender”. A referida palavra composta não tem entre seus constituintes nenhum rastro que remeta ao sexo feminino, contudo o uso desse termo é restrito a elas. Será que estamos aqui diante do reflexo de um sexismo? Podemos observar que a composição dá ensejo a um termo de significado pejorativo, somente usado para nomear mulheres¹⁶ supostamente destituídas de vergonha.

A partir dessa breve análise, cujo objetivo era cotejar traços dos compostos entre duas línguas crioulas, constatou-se que os compostos em kabuverdianu não têm como resultado final verbos, somente nomes, em guineense houve a ocorrência de dois compostos pertencentes a classes dos verbos. Como em nossa análise, houve uma relação do guineense com o português, achamos válido compará-lo também com uma língua crioula que apresenta a mesma língua lexificadora e pertencerem ao mesmo grupo dos crioulos da Alta Guiné. Em que pese a observação de semelhanças entre o guineense e kabuverdianu, podemos dizer então que seria uma prova de que ambas as línguas, apesar de terem o português como língua lexificadora, são mais parecidas entre si, afastando-se assim do português? Os dados das duas línguas aqui reunidos são de escala diminuta de modo que são necessárias mais análises para medir o nível de semelhança entre o guineense e o kabuverdianu. Contudo, é importante que se diga de antemão que: i) nem o guineense nem o kabuverdianu ou qualquer outra língua crioula de base

¹⁶ O sexismo na linguagem pode ocorrer “através de expressões impregnadas de estereótipos, desigualdades, desrespeito, inverdades científicas, preconceitos, no que diz respeito a mulheres e homens.” (LESSA, 2011, p. 65 apud BUENO 2015, p.02).

portuguesa devem ser descritas como cópias do português, mas línguas naturais distintas da sua base lexical, ii) ainda que o guineense e o kabuverdianu guardem semelhanças que apontem para um possível parentesco genético, são duas línguas diferentes.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir das análises feitas, podemos afirmar que diferentemente do que muitos teóricos afirmam, assim como outras línguas, o crioulo ou guineense possuem suas particularidades e individualidades, conferindo-lhe assim o título de língua única. Através de nossa pesquisa observamos e mostramos a ocorrência do processo de composição, que como foi discutido, é um processo profícuo de criação de palavras novas. Podemos também perceber, através das análises, semelhanças e diferenças entre duas línguas crioulas (o guineense e o kabuverdiano), o que as aproximam, ao passo que demonstram que os processos morfológicos, ainda que similares, possuem traços únicos em cada língua.

Fazendo um breve resumo dos resultados alcançados em nossa pesquisa, primeiramente em relação a categoria gramatical, podemos dizer que houve uma predominância maior de compostos que pertenciam a classe dos não verbos (incluímos nessa nomenclatura os substantivos, adjetivos, advérbios e todos outros itens lexicais que sejam diferentes de verbo), como em **mal di volta** (N) “ataque epilético”. Em sua grande maioria houve a junção de **N+N**, tendo como resultado também uma palavra composta pertencente aos nomes, exceto em **beja da bokinha** (V.) “beija abraçar” em que se tem um verbo.

Como se pode consultar em uma das análises feitas, os compostos analisados em geral carregam uma relação de sentido, fato esse que pode ser justificado pela relação de subordinação que as palavras envolvidas no composto desempenham entre si. Em outras palavras, a maioria dos compostos são nominais morfossintáticos, logo a maior parte é formada por palavras nominais que se subordinam.

Similarmente, ao que se pode perceber no português, dois fatos puderam ser percebidos sobre os compostos em guineense. Primeiro, não se pode fazer a supressão de termos que estejam envolvidos na constituição do composto, isso foi percebido na análise sobre o papel da preposição. Em segundo lugar, os compostos observados parecem se comportar tanto como compostos lexicais quanto pós-lexicais, isso, levando-se em conta os estudos de Lee (1997) e Monteiro (2002). Ou seja, segundo eles, os compostos lexicais funcionam como palavras simples, não permitindo a ocorrência de processos morfológicos na estrutura da palavra, mas no final, enquanto os pós-lexicais permitem a ocorrência desses processos morfológicos entre seus constituintes. Na sequência, durante as análises, observamos que a maioria dos compostos estão ligados através do processo de justaposição, a exemplo de **karnadura** (**karna** (N) “carne” / **dura** (V) “resistir; persistir”).

Além disso, conseguimos discutir estudos que pesquisam o fenômeno de composição em outros idiomas, o que servirá também como contributo para análises posteriores, posto que foram levantados e reunidos critérios de identificação de compostos. Tais critérios podem ser utilizados em análises no português, no guineense ou em qualquer outra língua quando for necessário estabelecer se se trata de um composto ou não, contudo deve se ter em mente que esses critérios foram feitos ou pensados para uma língua em específico, porém podem servir como ponto de partida.

Durante a elaboração do trabalho, em muitos momentos, houve uma carência de material bibliográfico referente ao tema que fossem voltados para línguas crioulas do Atlântico. Apesar de nossos esforços, nota-se que há necessidade de novos estudos sobre essa perspectiva que possuam os crioulos como objeto. Trabalho esse que buscou não reproduzir paradigmas preestabelecidos, muitas vezes, eurocêntricos.

Com isso, esperamos que essa pesquisa sobre a ocorrência de um processo morfológico, denominado composição, contribua e sirva como ponto de apoio para futuros trabalhos, uma vez que não há muitos estudos sobre o tema.

REFERÊNCIAS

ABOH, E. O. **The Emergence of Hybrid Grammars. Language Contact and Change** [Cambridge Approaches to Language Contact]. Cambridge: CUP, 2015.

ALVES, Ieda. O conceito de neologia: da descrição lexical a planificação linguística. **Alfa**, São Paulo, 1996.

ANDRADE, Katia Emmerick & RONDININI, Roberto Botelho. Cruzamento vocabular: um subtípo da composição? Lexical Blend: a subtype of composition?. **D.E.L.T.A.**, 32.4, 2016.

ANSALDO U. & MATTHEWS, S. Deconstructing creole: The rationale. In Ansaldo, Matthews & Lim (eds), **Deconstructing Creole** [Typological Studies in Language 73]. Amsterdam: John Benjamins, p. 39–66, 2007.

BAKHTIN, M. M.; VOLOCHINOV, V. N. Relações entre a infraestrutura e as superestruturas e a interação verbal. In: _____. **Marxismo e filosofia da linguagem: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem**. Tradução de Michel Laud e Yara F. Vieira. 8.ed. São Paulo: HUCITEC, 1997. p.39- 127. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/alfa/v56n2/02.pdf>. Acesso em: 01 dez. 2019.

BARBOSA, Maria Aparecida. **Léxico, produção e criatividade: processos do neologismo**. São Paulo: Global, 1981. Disponível em: <http://tede2.uefs.br:8080/bitstream/tede/597/2/Neologismo%20em%20foco%20inova%C3%A7%C3%B5es%20lexicais%20no%20jornal%20Massa%21%20Vanessa%20Gama.pdf>. Acesso em: 20 nov. 2019

BASÍLIO, M. M. P. . **A Morfologia no Brasil: Indicadores e Questões Linguística**. Campinas, v. 11, 1999.

BASÍLIO, M. Em torno da palavra como unidade lexical: palavras e composições. **Veredas**, v. 4, n. 2, p. 9 a 18, 2000.

BASÍLIO, M. **Formação e Classes de Palavras no Português do Brasil**. São Paulo: Contexto, 2006.

BASÍLIO, M. M. P. O papel da metonímia na morfologia lexical. **Estudos da Linguagem**, v. 9, p. 99-117, 2011.

BASÍLIO, Margarida. 2011. **Formação e classes de palavras no português do Brasil**. 3. ed. São Paulo: Contexto.

BECHARA, Evanildo. **Moderna gramática portuguesa**. 37. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009. Disponível em: <http://tede2.uefs.br:8080/bitstream/tede/597/2/Neologismo%20em%20foco%20inova%C3%A7%C3%B5es%20lexicais%20no%20jornal%20Massa%21%20Vanessa%20Gama.pdf>

[7%C3%B5es%20lexicais%20no%20jornal%20Massa%21%20Vanessa%20Gama.pdf](#). Acesso em: 20 nov. 2019.

BESSA, José Rogério Fontenele. 1986. A composição nominal e adjetiva: problems e métodos – uma introdução ao estudo dos nomes e adjetivos compostos do português escrito literário atual do Brasil. Tese de Doutorado. Rio de Janeiro: Faculdade de Letras/UFRJ.

BISETTO, Antonietta & SCALISE, Sergio. **The classification of compounds**. Janeiro de 2017.

BUENO, Ana Lúcia Dacome. **A produção do sexismo na linguagem: gênero e poder em dicionários da língua portuguesa**, 2015.

BULL, Benjamim Pinto. O crioulo da Guiné-Bissau: filosofia e sabedoria. Lisboa: Instituto de cultura e língua portuguesa, 1989. Disponível em: <https://repositorio.ufpe.br/bitstream/123456789/13296/1/DISSERTA%C3%87%C3%83O%20Paula%20Mendes%20Costa.pdf>. Acesso em: 10 out. 2019.

CANÇADO, Márcia. **Manual de semântica noções básicas e exercícios**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2008.

CARVALHO, N. **Empréstimos Linguísticos**. São Paulo: Ed. Ática, 1989.

CHAPOUTO, S. M. 2014. Contributo para a descrição de aspetos fonológicos e prosódicos do guineense. Dissertação de Mestrado, Universidade de Coimbra.

COSTA, P. M. Descrição fonológica do crioulo guineense. 2014. 242 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Centro de Artes e Comunicação, Universidade Federal de Pernambuco, 2014.

COUTO, H. Os compostos no crioulo português da Guiné-Bissau. **Papia**, Brasília, v. 19, p. 69-79, 2009.

COUTO, Hilda. **O crioulo português da Guine Bissau**. Helmurt Buske Verlag, 1994.

CUNHA, Celso & CINTRA, Lindley (1985). Nova gramática do português contemporâneo. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.

DEGRAFF, M. 2001. Morphology in creole genesis: Linguistics and ideology. In Ken Hale: **A Life in Language**, M. Kenstowicz (ed.), 53–122. Cambridge, MA: The MIT Press.

FARACO, Carlos Alberto. **Linguística histórica: uma introdução ao estudo da história das línguas**. Parábola: São Paulo, 2005.

FREITAS, S & BANDEIRA, M. Análise morfológica dos crioulos do Golfo da Guiné e do kabuverdianu. **Estudos linguísticos** (São Paulo), v. 45, n. 1, 2016.

FREITAS, Shirley. Contribuições linguísticas cabo-verdiana e sefardita na formação do papiamentu. 2016. Tese (Doutorado em Filologia e Língua Portuguesa) — Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2016.

GAMA, Vanessa Oliveira Silva. **Neologismo em foco**: inovações lexicais no jornal massa!. Feira de Santana, 2017.

GARCIA, Afrânio. Semântica histórica. **Soletras**, Ano I, n. 02. São Gonçalo: UERJ, jul./dez. 2001

GONÇALVES, Carlos Alexandre. **Atuais tendências em formações de palavras**. 2012.

GUILBERT, Louis. La créativité lexicale. Paris: Librairie Larousse, 1975. Disponível em:<http://tede2.uefs.br:8080/bitstream/tede/597/2/Neologismo%20em%20foco%20inova%C3%A7%C3%B5es%20lexicais%20no%20jornal%20Massa%21%20Vanessa%20Gama.pdf>. Acesso em: 20 nov. 2019

HAGEMEIJER, Tjerk; ALEXANDRE, Nélia. Os crioulos da Alta Guiné e do Golfo da Guiné: uma comparação sintáctica. **Línguas Crioulas de Base Portuguesa na África**, Lisboa, v. 42, n., p.1-17, 2010.

KOUWENBERG, B. S. & SINGLER, J. V. 2008. **The handbook of pidgin and creoles studies**. Oxford: Wiley-Blackwell.

LEE, Seung-Hwa. Sobre os compostos do PB. **DELTA**, São Paulo, v. 13, n. 1, p. 17-33, fev. 1997.

LÍBER, Rochelle & STEKAUER, Pavo. **Introduction: Status and Definition of Compounding**, publicado em julho de 2011.

MATTOSO, Camara Jr. **Estrutura da língua portuguesa**. Petrópolis: vozes,1970.

MCWHORTER, J. 1998. Identifying the Creole Prototype: Vindicating a Typological Class. **Language**, v. 74, n. 4, p. 788-818.

MONTEIRO, J. L. **Morfologia Portuguesa**. 4 ed. Campinas: Pontes, 2002. Disponível em: <file:///C:/Users/Lindemberg/Downloads/3334-Texto%20do%20artigo-12211-1-10-20190621.pdf>. Acesso em: 15 dez. 2019.

MUFWENE, S. S. 2008. **Language Evolution: Comacr, Competition and Change**. London: Bloomsbury. Develops a view of contact and change in terms of competition and selection.

PILLA, Éda Heloisa. Os neologismos do português e a face social da língua. Porto Alegre: Age, 2002. Disponível em: <http://tede2.uefs.br:8080/bitstream/tede/597/2/Neologismo%20em%20foco%20inova%C3%A7%C3%B5es%20lexicais%20no%20jornal%20Massa%21%20Vanessa%20Gama.pdf>. Acesso em: 10 nov. 2019.

PRATAS, Fernanda. O Sistema Pronominal do Caboverdiano (variante de Santiago). Dissertação (Mestrado em Linguística) — Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, Universidade Nova de Lisboa, Lisboa, 2002.

SCANTAMBURLO, L. 2001. **Dicionário do Guineense**: Introdução e Notas Gramaticais (vol. 1). Lisboa: Edições Colibri / FASPEBI. Disponível em: <file:///C:/Users/Lindemberg/Downloads/2785-7956-1-PB.pdf>. Acesso em: 05 nov. 2019.

SCHIWINDT, Luiz Carlos. 2001. O prefixo no português brasileiro: análise prosódica e lexical. **DELTA: Documentação de Estudos em Lingüística Teórica e Aplicada**, Volume 17, N. 2, 2001, pp. 175-207.

SILVA, Taís. Formação de palavras compostas em português brasileiro: uma análise de interfaces. Porto Alegre, 2010.

SMARSARO. Alcione das Dores. Descrição e formalização de palavras compostas do português do Brasil para elaboração de um dicionário eletrônico. Rio de Janeiro, março de 2004.

VIARO, Mário Eduardo. 2011. **Etimologia**. São Paulo: Contexto.

APÊNDICE

APÊNDICE A – Termo de Consentimento.

*Obrigatório

E-mail *

Mbim di es manera pa pediu fabur, pabu djudan na nha mpulma-mpulma di TCC kuta fala di aspectos sociolinguísticos di kriol, bu adjuda na bai sedu atrabés di ruspundi purguntas. Pa kila, i pirsis pabu lei e termo artis di bu participa. Bu adjuda na bai sedu bom dimas pa fasi nha tarbadu di kabantada di kursu kirsi. Bu nomi na sugundidu, nunca i kana mostradu. Si buka misti djuda, bu disison na rispítadu. Na gardisiu djanan desdi gos pa resposta ku buna bim da.

Venho, através deste, solicitar a sua ajuda na minha pesquisa para o meu TCC a respeito de aspectos sociolinguísticos do guineense, sua contribuição vai ser por meio de respostas a este questionário. Por isso é necessário ler esse termo antes de participar. Sua contribuição será fundamental para o bom desenvolvimento do meu trabalho de conclusão de curso. Sua identidade será mantida em sigilo e jamais será divulgada. Caso não queira ajudar, sua decisão será respeitada. Já agradeço antecipadamente por responder ao questionário. *

() Aceito participar

APÊNDICE B – Formulário aplicado.

[Análise semântica do guineense \(kriol\). - Formulários Google](#)

Na purguntas, bu na odja frasis na kriol ku pudi tene sentidu ó nau, ruspundi kada frasi manera ku bu ntindi suma abo i papiadur de língua.

No questionário, você vai encontrar frases em guineense que podem fazer sentido ou não, responda de acordo com sua intuição de falante da língua de acordo com cada frase demonstrada.

1- Boka di kaneta sta djinguidu.

Faz sentido.

Não faz sentido.

2- Kaneta di boka sta djinguidu.

Faz sentido.

Não faz sentido.

3- Boka verdi di kaneta kebra.

Faz sentido.

Não faz sentido

4- Boka kebra.

Faz sentido.

Não faz sentido

5- Bokassinhu di kaneta sta djinguidu.

Faz sentido.

Não faz sentido

6- Bokas di kaneta mopi.

Faz sentido.

Não faz sentido

7- Di fabur pega bu bilheti di identidadi.

Faz sentido.

Não faz sentido

8- Di fabur bu pudi dan bu identidadi di bilheti.

Faz sentido.

Não faz sentido

9- Di fabur pega bu bilheti nobu di identidadi.

Faz sentido.

Não faz sentido

10- Di fabur pega bu bilheti. (Bilhete se refere ao documento de identidade).

Faz sentido.

Não faz sentido

11-Ikai bu bilheti di identidadi.

Faz sentido.

Não faz sentido

12-Ikai bu bilheti di identidade.

Faz sentido.

Não faz sentido

13-I bonitu bu guarda di kurpu.

Faz sentido.

Não faz sentido

14-I bonitu bu kurpu di guarda.

Faz sentido.

Não faz sentido

15-I bonitu bu guarda azul di kurpu.

Faz sentido.

Não faz sentido

16- I diferenti bu guarda. (Nesse caso Guarda se refere a um amuleto).

- Faz sentido.
- Não faz sentido

17- Bu guardassihu di kurpu i tchiu diferenti.

- Faz sentido.
- Não faz sentido

18- Bu guardas di kurpu e bonitu.

- Faz sentido.
- Não faz sentido

19- I bonitu odja nasenti di sol dê lugar.

- Faz sentido.
- Não faz sentido

20. I bonitu odja sol di nasenti dê lugar.

- Faz sentido.
- Não faz sentido

21- I diferenti odja nasenti nobu di sol dê lugar.

- Faz sentido.
- Não faz sentido

22- I bonitu odja nasenti dê lugar.

- Faz sentido.
- Não faz sentido